LETÍCIA MORGANA CORRÊA MELLO

FRONTEIRAS DIFUSAS: ESTUDO EXPLORATÓRIO DE FUNDAMENTOS TEÓRICOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE O AUTISMO COMO CONTRIBUIÇÃO A PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação – Mestrado – PPGE/FAED/ UDESC – Linha de Investigação Educação, Comunicação e Tecnologia, sob orientação da Professora Dra. Sonia Maria Martins de Melo.

FLORIANÓPOLIS
2019

Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da

Biblioteca Setorial do FAED/UDESC,

com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mello, Letícia Morgana Corrêa
Fronteiras Difusas: Estudo exploratório de fundamentos teóricos contemporâneos sobre o autismo como contribuição a práticas psicopedagógicas / Letícia Morgana Corrêa Mello. -- 2019.
97 p.

Orientadora: Sonia Maria Martins de Melo
Coorientadora: Julice Dias Dias
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação , Florianópolis, 2019.

1. Autismo. 2. Práticas Psicopedagógicas. 3. Teoria sobre Autismo. 4. Transtorno do espectro autista (TEA) . I. Melo, Sonia Maria Martins de . II. Dias, Julice Dias. III. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação . IV. Título.

PPGE
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
DIREÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
UDESC

Reconhecido pelo Decreto Estadual nº 2.035, publicado no Diário Oficial do Estado de Santa Catarina Nº 18.515, em 18/12/2008.
Reconhecimento CAPES pela Portaria MEC nº 1.077, publicada no Diário Oficial da União nº 178 de 12/09/2012.

MESTRADO ACADÊMICO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Nº 019/2019

Ao vigésimo nono dia do mês de novembro do ano de 2019, às 09h00min, nas dependências do Centro de Ciências Humanas e da Educação, compareceu **Letícia Morgana Corrêa Mello**, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, para defender sua dissertação intitulada "Fronteiras difusas: estudo exploratório de fundamentos teóricos contemporâneos sobre o autismo como contribuição à práticas psicopedagógicas", perante banca examinadora constituída pelos (as) Professores (as) Doutores (as): Sonia Maria Martins de Melo – UDESC (presidente/orientadora), Yalin Brizola Yared – UNISUL e Alba Regina Battisti de Souza – UDESC. Após a apresentação das considerações e sugestões da Banca Examinadora, a presidente anunciou o parecer da Banca, considerando a dissertação APROVADA.

Observações

Trabalho com consistência teórico-metodológica recomendado publicação e continuação dos estudos.

Florianópolis, 29 de novembro de 2019.

Profª Drª Sonia Maria Martins de Melo
UDESC

Profª Drª Yalin Brizola Yared
UNISUL

Profª Drª Alba Regina Battisti de Souza
UDESC

Letícia Morgana Corrêa Mello
Mestranda

Dedico esta dissertação a todos aqueles que acreditam que a inclusão pode transformar vidas, que ter um olhar ao próximo com respeito a sua individualidade é fundamental para um trabalho em conjunto, livre de preconceitos e a favor da inclusão.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a todos que estiveram presentes ao meu lado durante este período, me apoiando incondicionalmente. Agradeço a todos a paciência e o carinho. Sou grata por acreditarem que este momento chegaria e por não medirem esforços para a concretização deste sonho. Um agradecimento em especial ao meu esposo, João Luiz, que esteve ao meu lado em todas as horas, me apoiando e dando forças para que este momento chegasse, ele chegou amor... Te agradeço, te amo, eu vejo você!!

Meus agradecimentos aos meus filhos, Gabriela e Jorge, que em alguns momentos não tiveram a mãe por perto, mas compreenderam a importância da ausência com palavras de amor e apoio, aos dois, meu muito obrigada.

A minha mãe, Mana de Xangô, por ser tão maravilhosa e ter me ensinado valores que levarei para toda a vida e repasso, hoje, para os meus filhos. Mãe, a senhora é muito especial em minha vida, um exemplo de mulher guerreira, batalhadora e vitoriosa, amo você.

Gratidão eterna à professora Sonia, por seus ensinamentos, paciência e confiança ao logo desses dois anos. Afirmo que minhas formações profissional e pessoal não teriam sido as mesmas sem a senhora ao meu lado. Seus ensinamentos foram essenciais para minha vida.

Ao grupo EDUSEX, por me receber carinhosamente e contribuir para minha trajetória.

A meu irmão, João Batista (*in memoriam*), que cumpriu lindamente seu papel aqui na Terra; as minhas irmãs, Jane, Carla, Andréa e Tatiana, por me amarem e cuidarem de mim com tanto zelo e carinho. Vocês são incríveis, nosso “elo” será eterno.

Aos meus amigos, que por diversas vezes compreenderam que eu não poderia estar perto de corpo, mas estava em pensamentos. Gratidão pela compreensão.

Um agradecimento à banca examinadora, que está doando o seu precioso tempo para estar presente neste momento ímpar em minha vida. Vocês fazem parte da minha história, sou eternamente grata por dividir com vocês minha felicidade neste momento.

RESUMO

Imersa em um contexto não escolar, vejo-me protagonista em um cenário que vem apresentando grandes índices, o das crianças diagnosticadas com autismo no Brasil. Desta forma, noto o quanto é importante ampliar a compreensão sobre este assunto auxiliando familiares, profissionais terapeutas e toda comunidade escolar na compreensão e aprofundamento do Transtorno do Espectro Autista. É de suma importância ampliar conhecer e ampliar os conhecimentos, pois desta foram conseguiremos auxiliar o autista e sua família a terem melhor qualidade de vida, pois é direito da criança que possui este transtorno ser respeitado em sua singularidade. A investigação teve como objetivo geral contribuir com a dissolução das fronteiras difusas referentes aos fundamentos teóricos contemporâneos sobre o autismo como subsídio para práticas psicopedagógicas inclusivas. Teve como base da investigação o paradigma do materialismo histórico dialético e, nele, o eixo do método dialético. Caracteriza-se como pesquisa de cunho qualitativo, desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica e estudo exploratório realizado em quatro obras previamente selecionadas para, nelas, identificar indicadores do que constituiria uma Teoria Contemporânea sobre o autismo. Seguindo as etapas da análise de conteúdo propostas por Triviños, foram estruturados quadros sínteses do conteúdo de cada livro da amostra intencional, neles destacando quais indicadores de uma teoria estavam presentes no seu todo. As quatro obras analisadas trazem fundamentos teóricos importantes sobre o autismo, mas apenas uma traz reflexões e contribuições a todos os indicadores de uma Teoria sobre o Autismo, inclusive avançando qualitativa e positivamente no indicador práticas psicopedagógicas. Os resultados demonstram a necessidade urgente de aprofundarmos os estudos sobre a complexidade dos conhecimentos sobre o Autismo, buscando estruturar um sólido corpo teórico sobre o tema, para contribuirmos cada vez mais com práticas psicopedagógicas que auxiliem efetivamente uma educação inclusiva e respeitem o direito de aprendizagem dos sujeitos diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista.

Palavras-chave: Autismo. Transtorno do espectro autista (TEA). Teoria sobre Autismo. Práticas Psicopedagógicas

ABSTRACT

Immersed in a non-school context, I see myself as the protagonist in a scenario that has been showing great rates, that of children diagnosed with autism in Brazil. In this way, I notice how important it is to broaden the understanding on this subject, helping family members, professional therapists and the entire school community in understanding and deepening Autistic Spectrum Disorder. It is of utmost importance to expand knowledge and expand knowledge, as this is how we will be able to help the autistic person and his family to have a better quality of life, as it is the right of the child who has this disorder to be respected in its singularity. The aim of the research was to contribute with the dissolution of diffuse boundaries referring to contemporary theoretical foundations about autism as a subsidy for inclusive psychopedagogical practices. It was based on the paradigm of dialectical historical materialism, and on it, the axis of the dialectical method. From a qualitative point of view, through a bibliographic research, it was performed an exploratory study in four previously selected works in order to identify in them indicators of what would constitute a Contemporary Theory on autism. Following the steps of content analysis proposed by Triviños, summary tables of the content of each book in the intentional sample were structures, highlighting which indicators of a theory were present in their entirety. The four works analyzed bring important theoretical foundations of autism, but only one brings reflections and contributions to all indicators of a Theory of Autism, including advancing qualitatively, positively, in the indicator of psychopedagogical practices. These results demonstrate the urgent need to deepen the studies on the complexity of knowledge about Autism, seeking to structure a solid theoretical body on the subject so that we can increasingly contribute with psychopedagogical practices that effectively contribute to an inclusive education that respects the right to learn of subjects diagnosed with Autism Spectrum Disorder.

Keywords: Autism. Autistic Spectrum Disorder (ASD). Autism Theory. Psychopedagogical Practices

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Caminhos metodológicos para a Dissertação 29
Quadro 2 - Portal CAPES – Categoria Autismo 30
Quadro 3 - Portal CAPES – Categoria Transtorno do Espectro Autista 31
Quadro 4 - Portal CAPES – Categoria Clínica Psicopedagógica 31
Quadro 5 - Portal CAPES – Categorias e Cruzamentos Possíveis 31
Quadro 6 - Portal SCIELO – Categoria Autismo 32
Quadro 7 - Portal de Periódico CAPES – Nova Categoria Teoria sobre autismo 34
Quadro 8 - Teoria de enfermagem, segundo Lima (2017) 39
Quadro 9 - Conjunto de representação de elementos para uma teoria sobre autismo adaptado de Lima 40
Quadro 10 - Categorias e cúmplices teóricos “a priori” da dissertação 42
Quadro 11 - Amostra Selecionada 46
Quadro 12 - Evolução autística durante os cinco primeiros anos da criança por Ornitz (1983) citado por Leboyer (1995). 53
Quadro 13 - Indicadores de fundamentos de uma teoria sobre autismo, na obra Autismo infantil, de Marion Leboyer (1995), à luz do quadro de Mello (2019), adaptado de Lima (2017). 55
Quadro 14 - Representação da Tríade do Transtorno do Espectro Autista 59
Quadro 15 - Sinais de alerta autísticos (extraídos de Teixeira, 2017) 63
Quadro 16 - Indicadores de fundamentos de uma teoria sobre autismo – Manual do Autismo (2017) à luz do quadro de Mello (2019) 66
Quadro 17 - Definição de autismo apresentado por Orrú 69
Quadro 18 - Indicadores de fundamentos de uma teoria sobre autismo – Aprendizes com Autismo (2016), à luz do quadro de Mello (2019) 73
Quadro 19 - Indicadores de Fundamentos de uma Teoria Sobre Autismo – Autismo e Inclusão (2017) 81
Quadro 20 - Indicadores de uma Teoria sobre autismo presentes nas quatro obras selecionadas, à luz do quadro de Lima, adaptado por Mello (2019) 86
Quadro 21 - Análise final a partir dos fundamentos que mais se destacaram nas obras a partir dos indicadores das teorias 87

SUMÁRIO

1 UMA REFLEXÃO NA BUSCA DO SENTIDO DE UM CAMINHAR PARA A INCLUSÃO 17

1.1 JUSTIFICANDO A PESQUISA 25

1.2 APRESENTANDO OS CÚMPLICES TEÓRICOS, *A PRIORI*, PARA A CAMINHADA 35

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS: EM BUSCA DE FUNDAMENTOS TEÓRICOS SOBRE O AUTISMO 43

2.1 CAMINHOS ESCOLHIDOS: ORGANIZAÇÃO DE DADOS, COLETAS E CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA 48

2.1.1 Dialogando com a autora Maryon Leboyer (1995) - Autismo infantil: fatos e modelos 49

2.1.2 Dialogando com o autor: Gustavo Teixeira – Obra selecionada: Manual do Autismo (2017) 57

2.1.3 Dialogando com a autora: Sílvia Ester Orrú – Obra selecionada: Aprendizes com Autismo (2016) 67

2.1.4 Dialogando com o autor: Eugênio Cunha – Obra selecionada - Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família (2017) 74

3 REFLEXÕES DOS DIÁLOGOS SOBRE OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS ENCONTRADOS 85

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE AÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO NÃO EXCLUDENTE COMO POSSIBILIDADE DE PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS INCLUSIVAS 91

REFERÊNCIAS 95

1 UMA REFLEXÃO NA BUSCA DO SENTIDO DE UM CAMINHAR PARA A INCLUSÃO

Percebo os seres humanos como pessoas que se desenvolvem nas relações umas com as outras e também com o mundo em que vivem. Nessas relações, em que são construídos os conhecimentos, reconheço-me como parte de um processo social, histórico e cultural. Consciente da própria trajetória acadêmica e atuando como educadora de crianças com dificuldades e transtornos de aprendizagem, noto que meu compromisso com a educação, bem como o direito das pessoas à qualidade de ensino sempre permearam meu caminho.

Nasci em Florianópolis em uma família simples. Fui criada por minha mãe, meu pai e meus cinco irmãos por parte de mãe. Como ocorre com muitos, na minha adolescência houve a tão famosa "separação de pais". Hoje consigo perceber o quanto eles fizeram isso de forma sutil para que minha vida emocional e escolar não fosse abalada. Por esse motivo, permanecemos firmes, como família que lutava e luta por seus ideais e valores, mesmo sem a presença física da figura paterna. Minha mãe nunca deixou de ser uma grande mulher, guerreira e batalhadora, e a tenho como inspiração constante em minha vida.

Sempre estudei em colégio público e fui aluna muito dedicada aos estudos, pois percebia que eles fariam diferença em um futuro próximo. Acredito que pelo fato de meus pais não terem concluído o colegial, segundo ciclo do antigo ensino secundário (foram ao máximo à antiga 4º série), também pude observar que essa história se repetia com meus irmãos mais velhos, sendo que apenas três dos cinco concluíram o ensino médio. Contudo, embora os outros não tenham finalizado o atual ensino fundamental II, são pessoas do bem e muito batalhadoras no seu cotidiano, cursando com muita dignidade a escola da vida. Duas de minhas irmãs voltaram a estudar depois de adultas, uma está formada em Pedagogia e a outra na fase final do curso Técnico Profissionalizante em Recursos Humanos. Talvez isso tenha ocorrido por terem sido criados em épocas difíceis e precisaram - além de cuidar um do outro, enquanto minha mãe trabalhava fora para o sustento da casa - auxiliar nas despesas, contribuindo com o trabalho, no caso dos mais velhos, o que com certeza prejudicou seu processo de educação formal em escolas.

Lembro-me que quando criança não tinha muita certeza do seria quando crescesse, mas intuía que o estudo era crucial, pois acreditava, e acredito, que ele me ajudaria a alcançar o que quisesse ser e sonhar para minha vida. Durante a infância, fui questionadora, com a mente repleta de perguntas e, hoje, posso ver o quanto isso contribuiu para minha formação pessoal.

Na vida escolar sempre fui acompanhada por minha mãe e minha irmã mais velha e recordo-me da preocupação que ambas tinham com meus estudos.

Também percebia desde muito cedo a importância da parceria que havia entre a minha família e a escola, pois, mesmo sem ter muito grau de instrução formal, meus familiares não mediam esforços para que eu tivesse sucesso na vida escolar.

Com dezesseis anos, me inseri no mercado de trabalho. Para auxiliar em casa, atuei, por dois anos, como operadora de telemarketing, ao mesmo tempo que finalizava o curso de 2º grau, atual Ensino Médio. Na adolescência, minha vida mudou um pouco. Durante esse período, me dediquei apenas ao trabalho, mas a vontade de querer algo a mais sempre me acompanhou. Cheguei a pesquisar valores de cursos pré-vestibulares, porém, a realidade monetária daqueles cursos era muito fora de nossas condições econômicas.

Aos vinte e dois anos conheci meu atual marido, cuja união nos trouxe dois filhos, Gabriela, atualmente com doze anos, e Jorge, com seis anos. No decorrer desses 13 anos juntos percebo que ele não mediu, nem mede, esforços em me apoiar nos estudos, mesmo tendo estudado formalmente, por enquanto, apenas até o 2º grau, pois também teve uma infância mais voltada para o trabalho.

Em 2008, ao ver uma amiga lecionando com muito amor, senti uma vontade gigantesca de fazer o magistério, pois aquela observação reavivou um "desejo de criança". Foram dois anos cursando magistério no Colégio Aníbal Nunes Pires, em Capoeiras, Florianópolis, Santa Catarina. Já no primeiro ano, consegui um estágio e atuei como auxiliar de Educação Infantil, o que foi uma oportunidade incrível, pois, naquele momento, tive a certeza de que era a carreira que desejava seguir.

Meu coração se enchia de alegria a cada aula ministrada, ao ver que meus alunos iam embora com novos conhecimentos e também felizes, querendo voltar para aprender mais, assim como eu, que a cada aula aprendia um pouco com aquelas/aqueles pequenos seres.

Ao término do magistério, tentei vestibular para duas faculdades: Universidade Municipal de São José (USJ) e Faculdade Municipal de Palhoça (FMP). Para minha felicidade, fui aprovada nas duas, para o curso de Pedagogia. Optei pela FMP, por ser mais próxima de minha residência e durante os quatro anos de curso tive muitos aprendizados e troca de conhecimentos. Durante esse período, me dediquei a diversas formações para me manter atualizada, buscando oferecer o melhor de mim para meus alunos e alunas e suas famílias.

Quando estava concluindo a Faculdade de Pedagogia, já atuando como professora em um colégio particular, algo me chamou muito a atenção: observei que na escola onde eu trabalhava havia muitas crianças com dificuldade de aprendizagem. Em conversa com as

demais professoras, ouvi muitos relatos sobre o número de crianças que apresentavam possíveis transtornos na aprendizagem. Esse fato despertou em mim a necessidade de conhecer mais sobre esses possíveis casos de “não aprender”, para entender melhor como ocorre o processo de aprendizagem, como as crianças aprendem e porque “não aprendem”. Assim, além de adquirir conhecimentos sobre o tema em questão, poderia tornar minhas aulas melhores, minhas práticas mais eficazes e também auxiliar minhas colegas de trabalho com seus alunos, buscando um processo de ensino e aprendizagem de mais qualidade, adequando-o às teorias de aprendizagem contemporâneas.

Foi então que cursei minha primeira pós-graduação, uma especialização em Neuropsicopedagogia. Depois disso, fiz outros cursos, dentre eles o de Gestão Escolar, o que me levou a atuar em um novo espaço de trabalho. Por dois anos me dediquei como coordenadora escolar em um colégio particular e paralelamente cursei um MBA em Coaching e Gestão de Pessoas.

Observando essa trajetória, percebo minha preocupação, tanto em ações pessoais quanto profissionais, em tentar auxiliar o próximo na busca da compreensão sobre o direito do indivíduo em sua totalidade e na defesa do seu direito de estudar e aprender, pois entendo que devemos oferecer para o próximo o nosso melhor, buscando o bem coletivo e o desenvolvimento pleno do ser humano. Esse entendimento brotou e se solidificou durante minha formação acadêmica, quando, paralelamente ao meu trabalho como professora, me foi possível observar o quanto a formação integral numa perspectiva de emancipação do ser humano é importante para o desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes, bem como ao seu direito ao acesso e permanência nas escolas.

Revendo minha caminhada, nesses mais de oito anos de atuação na área educacional, observo que sempre me foi caro o direito a uma aprendizagem significativa para todas as crianças, sendo este um eixo principal de minhas práticas pedagógicas. Percebo que nesse compromisso pedagógico fui mais longe, preocupando-me também com aqueles/as alunos e alunas que não conseguiam acompanhar a turma e não alcançavam rendimento de acordo com os padrões escolares.

Motivada por essas constatações, fiz especialização em Neuropsicopedagogia, buscando auxiliar melhor as crianças que possuíam diagnósticos, descritos ou não, com algum tipo de dificuldade ou transtorno de aprendizagem. Recordo-me que desde 2016 já me envolvia com questões educacionais inclusivas. Ao escrever meu artigo final para a referida especialização, abordei um tema novo, na época, vivenciado por mim como coordenadora, o qual ressalto ter

sido um dos meus grandes desafios como gestora escolar: o autismo. Ao final do curso, um pouco mais apta em fundamentos teórico-práticos sobre a temática, porém ainda com grandes incertezas do que realmente é o Transtorno do Espectro Autista (TEA), escrevi sobre a importância da intervenção do neuropsicopedagogo nas práticas educativas para crianças com autismo. Quando atuei como coordenadora pedagógica em colégios particulares no município de Palhoça, percebi a grande demanda da chamada "dificuldade de aprendizagem" que permeava as salas de aulas e também percebi muitas falhas na compreensão dos profissionais da educação sobre esse tema. Identifiquei, ainda, grande lacuna na comunicação entre família e escola sobre o conceito e o processo de diagnóstico e encaminhamento da criança para um atendimento especializado, bem como, a solução para as ditas dificuldades.

Partindo dessas experiências, resolvi solicitar meu desligamento da escola na qual trabalhava como coordenadora e iniciar uma vida profissional de auxílio direto às crianças e familiares rotulados pela escola como crianças com transtornos e dificuldade de aprendizagem. Nesse contexto, o autismo e suas múltiplas faces.

Sabemos que cada criança aprende de uma maneira própria e um elemento fundamental no ensino é considerarmos sua experiência de vida, pois ela é levada para dentro das salas de aula. São bagagens ricas e esses saberes precisam ser compartilhados no ambiente escolar, onde existem crianças de diversas culturas, tendo em vista que, na escola, o aprendizado se dá também pelas vivências e trocas entre crianças e delas com os demais sujeitos da escola. Contudo, faz-se necessário lembrar que vários outros fatores podem impedir ou prejudicar a aprendizagem dos alunos, dentre eles, emocionais, sociais e orgânicos, caracterizando, assim, a chamada dificuldade de aprendizagem. Nesta categoria, pelo senso comum, são enquadradas várias síndromes e características e até mesmo problemas do processo de "ensinagem". Quando casos específicos dessa dificuldade surgem no cotidiano escolar, ficam visíveis muitas insuficiências dos profissionais e da escola na resolução desses casos, sendo, então, muitas vezes necessário o auxílio especializado dentro e fora dos muros escolares nesse processo, em um complemento que deve ser harmônico e integrado entre família, escola e espaços especializados.

Em julho de 2017, tive o prazer de ingressar no Mestrado em Educação para o PPGE/UDESC, no Grupo de Pesquisa EDUSEX – Formação de Educadores e Educação Sexual CNPq/UDESC, o qual tem como paradigma e eixo de estudos o materialismo histórico-dialético, compreendendo que o ser humano se constitui nas relações sociais vividas a partir do modo de produzir vida. No início desse curso, meu projeto seria o de investigar as famílias homoafetivas e suas relações no ambiente formal da educação, verificando o olhar e o

entendimento da comunidade escolar sobre essas famílias. Porém, vendo-me diante de crianças com dificuldades de aprendizagem e transtornos diariamente, e com meu novo caminho profissional, refleti durante o primeiro semestre do processo de orientação no PPGE sobre o tema, desenvolvendo um novo olhar. Decidi, então, mudar o projeto de pesquisa, centrando-o no tema "dificuldade de aprendizagem", levando em consideração a grande demanda de apoio que vivencio diariamente no espaço neuropsicopedagógico onde atuo.

Em um primeiro momento, levantei a hipótese, junto à orientadora, de investigar casos considerados como dificuldade de aprendizagem que a escola encaminhava a pedagogos, psicopedagogos e outros profissionais especializados, para auxiliarem no processo de reforço escolar, por exemplo. Posteriormente, cogitamos realizar um estudo de caso, no qual famílias seriam entrevistadas, relatando como foi sua experiência ao receber o encaminhamento do colégio alegando que o estudante precisava de apoio paralelo para auxiliá-lo em seu desenvolvimento escolar. A pesquisa teria, portanto, o objetivo de identificar a compreensão das famílias sobre as ditas dificuldades de aprendizagem e como recebiam esses encaminhamentos e diagnósticos.

Convém lembrar que essas dificuldades e as demandas dos transtornos de aprendizagem têm sido tema de constantes discussões entre psicólogos, neuropediatras, psicopedagogos, professores, gestores, enfim, por todos os responsáveis pelo processo educativo formal de crianças e jovens, tendo em vista que todos fazem parte do processo de desenvolvimento integral desses sujeitos. Entender realmente o que são as dificuldades de aprendizagem e os mais variados tipos de transtornos pode evitar que as crianças sejam classificadas no chamado "fracasso escolar" e possam viver bem, sendo respeitadas na sua singularidade e nos seus direitos a aprender e apreender a vida. No entanto, percebia em meu cotidiano que essa compreensão não era (e não é) unânime nos processos de encaminhamentos às clínicas especializadas.

Nessa dinâmica de busca do recorte de realidade que pretendia com minha pesquisa, no processo crítico-reflexivo, que é um processo orientador, ao aprofundar estudos sobre um paradigma de educação sexual emancipatória vivido e proposto como eixo das práticas pedagógicas em ensino, pesquisa e extensão pelo Grupo EDUSEX, do qual sou membro, tive o reforço positivo da minha proposta de pesquisa necessariamente ser pautada na compreensão do ser humano como uno, inteiro, com direito a ser respeitado em sua totalidade.

Nessa direção, repensando a temática das dificuldades de aprendizagem, ainda foco do projeto, ficou cada vez mais evidenciada para mim a necessidade de contribuir mais

incisivamente com a sensibilização dos envolvidos em processos educativos daquela criança inserida no ambiente escolar sobre seu direito à aprendizagem, a ser respeitada a partir de sua individualidade e sua inteireza, na contramão de ser "determinantemente fadada ao fracasso" pelas rotulações que ainda existem nesse ambiente de aprendizagem.

Nessa caminhada junto ao Grupo EDUSEX, a busca pelo respeito à inteireza do ser me auxiliou a reforçar convicções como profissional da educação e também a buscar forças para desenvolver cada vez melhor um trabalho psicopedagógico nessa abordagem no meu *locus* de educação atual, uma clínica psicopedagógica. Atualmente, sou proprietária de uma clínica voltada para atendimentos de crianças e adolescentes com dificuldade e transtornos de aprendizagem. A Transformar existe há um ano e durante esse tempo percebi o crescimento significativo da demanda de atendimentos a crianças com os chamados transtornos de aprendizagem. Recebo diariamente famílias que não sabem quais dificuldades reais seus filhos apresentam no processo de aprender, mas nos procuram porque a escola as encaminhou para uma investigação inicial, na ânsia de poder auxiliá-los nesse momento tão delicado. Desta forma, com suporte teórico-prático de minhas especializações e de minha experiência na área, vivencio com essas famílias todo um processo de sensibilização, investigação e encaminhamentos, inclusive para outros profissionais necessários na busca de um diagnóstico concreto sobre o transtorno apresentado. Isso porque, esses procedimentos auxiliarão e respaldarão tanto a família e a criança dentro de seus direitos, quanto a definição das metodologias mais adequadas ao processo a ser vivido na busca de práticas pedagógicas inclusivas.

Recebo também famílias que já chegam com um diagnóstico fechado por médicos neurologistas, neuropediatras e psicólogos, prontas para iniciarem um atendimento neuropsicopedagógico, visando o auxílio na evolução positiva frente ao quadro clínico da criança. Dentre esses diagnósticos que chegam ao consultório, destacam-se: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDHA), Dislexia, Discalculia, Transtorno Opositor Desafiador, Disortografia, entre outros. Todos esses transtornos e deficiências constam no Sistema de Classificação DSM-5 (Manual de Doenças Mentais). Mas, com o caminhar orientador decisivo para definição de meu tema central do projeto de dissertação, percebi que, dentre todos esses encaminhamentos, há um que tem se destacado, por se tratar de um transtorno cujos diagnósticos vêm aumentando a cada dia, o autismo (TEA).

Atualmente, parte dos atendimentos nas clínicas parece, por observações e demandas de trocas de informação entre quem atua neste universo das clínicas, ser de crianças com deficiência diagnosticadas com esse transtorno. Hoje, o TEA vem sendo discutido por diversas

áreas do conhecimento, em especial nas áreas da saúde e educação, pois são altos os números de casos desse transtorno. Segundo diversos artigos e livros, a avaliação de crianças com suspeita do TEA tem ocorrido cada vez mais precocemente, mesmo em tenra idade, apesar das incertezas que dificultam, muitas vezes, esse complexo diagnóstico.

O TEA tem, portanto, demandando, como afirma Cunha (2015), muitos estudos e indagações, pois ainda permanece como tema desconhecido por grande parte dos profissionais da área da saúde e da educação e também pelas famílias. Isso porque, os sintomas variam muito e não há consenso sobre um padrão fixo para sua manifestação. Por se tratar de um transtorno recentemente popularizado, permeado de características únicas do indivíduo, e por possuir registros teóricos de diversos níveis de gravidade, percebo ser importante e indispensável o aprofundamento sobre o autismo, mesmo sabendo que estudos sobre esse tema são de tamanha complexidade por conta das várias teorias sobre a questão. Por exemplo, já sabemos que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é constituído por uma tríade, cujas principais características abarcam comprometimentos na linguagem ou comunicação, interação social e na imaginação. Mas manifestações autísticas variam intensamente, dependendo no nível e da idade cronológica do indivíduo, segundo várias fontes bibliográficas.

Observo, com o que podemos considerar ainda rasos conhecimentos - mesmo em face de estudos desenvolvidos desde a década de 1940 -, que existem muitas incertezas e controvérsias sobre o que é o autismo por parte dos teóricos e profissionais das várias áreas que pesquisam sobre o tema. Certamente, essas dúvidas são ainda maiores e mais angustiantes nas famílias das crianças diagnosticadas.

Por conta de minhas vivências, recebo famílias cujos filhos foram diagnosticados com autismo, a grande maioria ainda em choque ou luto, sem saber o que fazer em razão da pouca compreensão que possuem sobre essa síndrome. O diagnóstico causa sofrimento aos envolvidos, o que prejudica o necessário equilíbrio emocional para seguir o processo qualificado de práticas pedagógicas. Esses processos tendem a resgatar aquela criança em sua individualidade e em seu direito a aprender e a ser respeitada. Frente a isso, várias inquietações surgiram neste meu processo transformador de decisão do foco definitivo da minha dissertação: como as famílias estão lidando com os seus filhos e o diagnóstico de autismo? Como está sendo a aceitação dessa criança no meio familiar e escolar? Será que os professores e professoras estão sabendo potencializar essa criança, tendo em vista suas limitações, respeitando-a como ser humano? Quais são realmente as limitações de uma criança com autismo? O que os pais, mães e/ou responsáveis esperam dos profissionais da área da saúde –fonoaudiólogos, terapeutas

ocupacionais e psicólogos – e da educação - pedagogos e psicopedagogos, dentre os quais me incluo - ao levarem seus filhos para o atendimento especializado individual? O que concretamente eles sabem, ou desconhecem sobre o TEA?

Tais indagações, por mais que pareçam simples, possuem grande relevância ao despertarem em mim o desejo de subsidiar uma compreensão maior a essas famílias e profissionais que atuam no cotidiano escolar sobre esse transtorno. Em nosso relacionamento inicial na chegada das famílias à clínica, sempre procuro auxiliá-los na necessária compreensão de uma base teórico-prática mínima que seja sobre o TEA, com o objetivo de minimizar suas angústias e incertezas para poder, então, iniciar o processo educativo adequado para aquela criança. Com a dificuldade de encontrar um material de fundamentos teórico-práticos sobre o tema que fosse dirigido em uma linguagem adequada às pessoas da família ou da escola, com uma aproximação inicial básica sobre o que se diz, ou não se fala, sobre o autismo e suas derivações pedagógicas, fui construindo algumas propostas de abordagem para usar com quem chega à clínica. Essa construção se dá, também, nas capacitações para as quais sou solicitada a ministrar cursos e formação continuada de profissionais da educação, pois percebo nessa caminhada a necessidade e a possibilidade, via projeto acadêmico, de expressar isso em estudo exploratório de fundamentos teóricos contemporâneos sobre o autismo e sobre as contribuições às práticas psicopedagógicas nas escolas, clínicas e famílias. Diante dessas experiências, foi definido, então, o projeto desta dissertação que ora findo e com o qual me qualifiquei no PPGE.

Minha experiência de vida como pedagoga atuante diretamente nas questões inclusivas e também como integrante do Grupo de Pesquisa Edusex, reforçando cada vez mais a compreensão de ser humano como único, individual e cidadão de direito, fortaleceu minha caminhada e a decisão em tentar melhor compreender o que é o autismo e a elaborar, por meio de estudo exploratório, um quadro com algumas contribuições teóricas contemporâneas significativas sobre o tema, buscando o conhecimento desejado para melhorar a qualidade de vida de todos os envolvidos nesse processo.

Relembro que essa decisão sobre meu tema foi fortalecida pelo fato de estar recebendo na clínica muitas crianças diagnosticadas com autismo. Vejo, assim, a fragilidade, as angústias e, muitas vezes, o desespero das famílias e professores/as em relação ao assunto, decisão também confirmada em virtude do aumento de convites para ministrar cursos e formações específicas sobre TEA. Nesses encontros, muitos dos participantes demonstram perceber a complexidade do tema, mas também apresentam muitas dúvidas sobre quais os fundamentos teórico-práticos que formam o diagnóstico de autismo. Como exemplo, cito uma parceria com a formação continuada do município de Palhoça (SC), a convite da Secretaria de Educação

Inclusiva, para auxiliar na formação de professores/as e coordenadores/as escolares. A formação consistiu na abordagem dos temas: conceito de autismo, autismo e família, autismo e intervenções pedagógicas, dentre outros. Fica evidenciado que há um movimento família e escola buscando aprofundar a compreensão sobre esse transtorno, porém, por ser um tema complexo e assunto recente, ainda há muito a ser feito para e buscado em relação a esse tema.

Desta forma, entendo esta dissertação como um estudo exploratório voltado para a busca de fundamentos teóricos contemporâneos e estruturá-los em forma de material pedagógico de apoio aos profissionais das escolas e aos membros das famílias, mostrando a existência de um caminho necessário para produzir um campo de conhecimento básico sobre algumas categorias próprias de teorias sobre TEA. Esse material se constrói na convergência de visão de alguns autores atuais para subsidiar, sensibilizar os envolvidos em situações que se evidenciem casos de autismo, estimulando-os a buscarem mais estudos sobre a questão e aprofundar o que lhes é apresentado como ponto de partida.

Debruçar-me sobre as fronteiras difusas que atualmente preocupam famílias, professores e profissionais e, também, porque não dizer, a própria sociedade como um todo sobre o que é o autismo, identificando fundamentos teóricos sobre o autismo em autores contemporâneos, estruturando-os em material pedagógico a ser mais facilmente compreendido pelos envolvidos, subsidiará tanto um aprofundando do meu conhecimento, como o dos profissionais da escola e das famílias, bem como apontará possíveis contribuições das práticas pedagógicas da psicopedagogia no tratamento e intervenções com crianças com TEA, auxiliando todos os envolvidos a sanar dúvidas, incertezas, medos e anseios. Este, portanto, tornou-se o objetivo desta dissertação. Diante disso, após verificar a relevância deste trabalho, ficaram definidas as categorias a priori desta dissertação: Autismo, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Teoria sobre Autismo e Práticas Psicopedagógicas.

1.1 JUSTIFICANDO A PESQUISA

Reafirmo que ao longo da minha caminhada enquanto ser no mundo, formadora de professoras e professores e também pesquisadora, encontro-me diante de uma situação real vivenciada diariamente e que me levou a vários questionamentos, conforme já adiantado no registro de minha caminhada até o momento.

Inserida atualmente em um contexto não escolar formal, porém imersa nas chamadas dificuldades e transtornos de aprendizagem na clínica onde atuo, vejo-me como protagonista

nesse cenário que, aparentemente, só cresce no Brasil, o de crianças diagnosticadas com autismo.

Diariamente crianças são assim diagnosticadas por profissionais das escolas, muitos dos quais não possuem especializações e conhecimentos para isso, ou por médicos que, por vezes, em uma única consulta já entregam um laudo para família, sem ao menos examinarem ou averiguarem junto a uma equipe multidisciplinar se a criança ou adolescente em questão tem realmente tal transtorno ou outras necessidades especiais.

No entanto, como já mencionado, percebo cotidianamente que muitas são as dúvidas, incertezas e conflitos envolvendo o autismo, seja na área da educação e/ou da saúde. Falar sobre autismo, bem como aplicar intervenções para o desenvolvimento da criança requer, sobretudo, muito estudo, preparação e dedicação, pois, para além da condição limítrofe do autista, sempre deve estar preponderante sua condição humana. Esta deve ser respeitada, inquestionavelmente, em primeiro lugar. Raimundo (2015) afirma que até hoje não se conseguiu uma definição e delimitação consensual das terminologias sobre autismo. A investigação em obras de autores teórico contemporâneos, nas quais estejam expressos seus fundamentos teórico-práticos sobre o tema, tais como o conceito de autismo, os modos de diagnóstico e suas propostas de práticas psicopedagógicas que contribuam para a formação docente é imprescindível para auxiliar no desvelamento da complexidade das questões ainda difusas para tal transtorno. Desta forma, ressalto a importância deste trabalho, visando contribuir com subsídios para elucidar pontos importantes da problematização que emerge a partir de diagnósticos de que uma criança é autista.

Reiterando os norteadores deste estudo, a problemática se fundamenta nos seguintes questionamentos: **Como contribuir no aprofundamento da compreensão dos envolvidos, nas escolas e nas famílias, com crianças diagnosticadas com autismo visando diminuir suas dúvidas e angústias sobre a situação? Quais as contribuições expressas por fundamentos teórico-práticos de autores contemporâneos que estudam a temática para as práticas psicopedagógicas atuais, inclusive nas clínicas especializadas, visando auxiliar no desenvolvimento da criança portadora desse transtorno?**

O interesse por esse tema tem oportunizado aprofundamentos nos mais diversos campos do conhecimento, da política, da economia, de instituições privadas e públicas, da tecnologia e também das redes sociais. Também tem estimulado diversas discussões, trocas de ideias, legislações e modelos de ensino, sendo que todos esses fatores visam compreender o autismo nos mais diferentes espaços e contextos. Entretanto, embora com toda a troca de informações e

estudos, o autismo ainda é tema polêmico e perturbador para a maioria dos profissionais que atuam com crianças, adolescentes e adultos.

Ainda existe, por exemplo, o diagnóstico tardio por falta de informações, pois muitos médicos, professores e também familiares não sabem e não conseguem identificar os sinais do transtorno e acabam, lentamente, postergando as intervenções e o desenvolvimento da criança com autismo. Além disso, há muitas outras situações cotidianas de despreparo pedagógico, apesar da avalanche de informações destinadas à população recentemente, em decorrência dos poucos mais de cem anos de estudos, por parte de cientistas e pesquisadores da área da saúde, que contribuíram para maior entendimento, não apenas do termo, mas também como auxílio na busca de suporte técnico para os aspectos clínicos, de comportamentos, sociais e educacionais presentes na condições do autismo.

Como vimos, ainda assim, por grande parte de profissionais da área da saúde, educação e vários outros segmentos e a sociedade em geral, não há clareza na definição do que é o autismo (TEA) e quais são as limitações que uma criança que tem esse transtorno apresenta, bem como suas características, estereotipias e outras singularidades associadas à síndrome.

Em decorrência disso, são diversas as variações registradas por vários estudiosos para os comportamentos autísticos. Pode-se dizer que o autismo já deixa de ser observado como outros transtornos, que têm características pontuais, pois abarca subtipos variados. Segundo Cavalcante e Rocha (2002), as qualidades sensoriais (audição, visão e tato) tornam-se reduzidas, dominados pela compulsão, repetição e manuseio de materiais e objetos de formas inapropriadas e com pouca ingerência cognitiva, a partir disso, surgem as estereotipias.

A criança com autismo, para muitos teóricos, vive em seu mundo particular e cria meios diversos de se comunicar com o mundo exterior, pois ela geralmente não interage com os outros, por vezes, nem com os próprios pais. Nesse sentido, ela possui dificuldades para imaginar, simbolizar, nomear. Por esse motivo, estudos apontam que quanto mais precoce for o diagnóstico de uma criança com autismo, mais chances ela terá de ser potencializada em sua inteireza por profissionais especializados e capacitados para auxiliar em seu desenvolvimento.

Sabemos que para muitos teóricos é comum o fundamento de que, no autista, há uma incapacidade acentuada no desenvolver das relações interpessoais, além da falta de interesse na relação com o outro na primeira infância, ausência de contato visual e comportamentos de isolamento, como se o autista estivesse só. O que acontece também é o que pode ser denominado a falta de medo ou seja, o autista, por vezes, não tem noção do perigo.

Frente a isso, torna-se fundamental ampliar o conhecimento sobre autismo, bem como conhecer e compreender a melhor forma de ajudar a família e, principalmente, o autista a ser um adulto com boa qualidade de vida. É fundamental oportunizar estudos e possibilidades sobre o assunto que contribuam para o processo de formação de professores e professoras, bem como, reafirmar o respeito que deve abarcar o processo de inclusão e diversidade, pois devemos sempre considerar o direito da criança que possui uma síndrome de ser respeitada em sua individualidade, oportunizando-lhe atendimento legítimo, sem tratamento preconceituoso, desumano ou desigual.

Faz-se necessário, para o desenvolvimento positivo dessa criança, um atendimento especializado conforme a todos os direitos legais que ela possui, isso porque, a diversidade é uma riqueza do ser humano e merece um olhar diferenciado, com uma equipe escolar capacitada e com múltiplos profissionais aptos, que atuem de forma respeitosa com essa criança. Como mencionado, as fronteiras difusas sobre o que é o autismo e as contribuições de práticas psicopedagógicas inclusivas nessa discussão são fundamentais, inclusive no que tange à cidadania. Desse modo, abordar o tema com projetos que aprofundem, sistematizando, as teorias produzidas é de grande relevância para desvelarmos o autismo. Enquanto a comunidade escolar e os profissionais não estiverem aptos para compreender essas crianças, faltarão adaptações curriculares, critérios de avaliação e estratégias de ensino necessárias ao seu bom desempenho, impossibilitando o resgate e o desenvolvimento de suas potencialidades. Esse caminho já vem sendo trilhado e, aos poucos, se está constituindo um campo teórico sobre o assunto, entendendo teoria como um conjunto de regras sistematizadas aplicadas a uma área específica, com base em conceitos e explicações de vários autores que buscam elucidar um fenômeno, no caso desta pesquisa, o autismo.

Sendo assim, ao buscar artigos que definissem o conceito de teoria, encontrei Perry (2006), que entende a teoria como um conjunto de conceitos e definições, relacionamentos e hipóteses que projetam a visão sistêmica de um fenômeno. Portanto, esta dissertação se alicerça em fundamentos teóricos expressos por autores contemporâneos sobre o autismo como contribuição a práticas psicopedagógicas que possam auxiliar os profissionais das escolas e as famílias no aprofundamento da sua compreensão sobre autismo. Por esses pontos destacados, vejo o quanto foi importante seguir os objetivos desta dissertação, bem como dar seguimento para elucidar seus questionamentos, daí surgindo as palavras-chave, a saber: Autismo, TEA (Transtorno do Espectro Autista), Teoria sobre Autismo e Práticas Psicopedagógicas. Registro que foi meu objetivo geral de pesquisa: contribuir com a ampliação da compreensão sobre autismo como subsídio para práticas psicopedagógicas. Como objetivos específicos, delimitei:

identificar autores contemporâneos que trazem teorias sobre o autismo, realizar pesquisa bibliográfica identificando as contribuições desses autores contemporâneas sobre autismo, desvelar suas categorias principais e registrar as contribuições das categorias desveladas como subsídios a práticas psicopedagógicas.

Diante do exposto, apresento no Quadro 1 a síntese das características metodológicas desta dissertação.

Quadro 1 - Caminhos metodológicos para a Dissertação

CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA A DISSERTAÇÃO	
Paradigma	Materialismo histórico-dialético
Método	Dialético
Abordagem metodológica	Pesquisa de cunho qualitativo, por meio de um estudo exploratório
Metodologias de procedimentos	Pesquisa bibliográfica
Amostra:	Intencional das 4 obras escolhidas por sua acessibilidade na escrita
Instrumento de coleta	Leitura das obras selecionadas com destaque de indicadores a luz do quadro adaptado de Lima
Instrumento de análise	Análise de conteúdo baseada em Trivinõs (2012)

Fonte: Mello (2018).

Em um primeiro momento, para desvelar o estado das pesquisas sobre os temas expostos por minha categoria, realizei uma busca sistemática com as palavras-chave “Autismo”, “Transtorno do Espectro Autista” e “Clínica Pedagógica” no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e também no Portal SCIELO, em setembro de 2018, dados que foram atualizados em novembro do mesmo ano.

No Quadro 2, são apresentados os resultados das buscas realizadas com os descritores individualmente e, depois, combinados em duplas. Reitero que a pesquisa foi executada primeiramente no Portal da CAPES com a categoria “Autismo”, com retorno de 2.031 registros, entre artigos e teses. Ao efetuar busca mais detalhada, selecionando apenas artigos, destaquei apenas 5 estudos desse gênero relacionados ao tema abordado nesta dissertação. No entanto, nenhum deles com interface referente ao assunto aqui proposto. No Quadro 3, a relação desses estudos.

Quadro 2 - Portal CAPES – Categoria Autismo

	Título	Autor	Ano	Link
1	Organização do espaço e do tempo na inclusão de sujeitos com autismo	Catia Giaconi; Maria Beatriz Rodrigues	2014	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362014000300004&lng=en&tlng=en
2	Desvendando o autismo e a educação	Sheyla Alves Obadia	2016	https://doaj.org/article/5e047502ade2427c9ecd7be381c229eb
3	Autismo: um mundo obscuro e conturbado	Soraya Fleischer	2010	http://www.scielo.br/scielo.php?frbrVersion=2&script=sci_arttext&pid=S0104-93132012000100011&lng=en&tlng=en
4	Autismo: a discussão de um paradoxo?	Aliny Lamoglia de Carvalho	2011	http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812011000200019&lng=en&tlng=en
5	A Produção Científica Brasileira sobre Autismo na Psicologia e na Educação	Nelzira Prestes da Silva Guedes	2015	http://www.scielo.br/pdf/ptp/v31n3/1806-3446-ptp-31-03-00303.pdf

Fonte: Mello (2018).

Percebi, ao longo da pesquisa no Portal CAPES, quantidade significativa de teses e artigos, mas especificamente na área da saúde, principalmente a psicologia. Esses estudos evidenciam o Autismo, abordando seus sinais e estereotipias, bem como percepções na fase infantil e pesquisas ambulatoriais para crianças com Transtorno do Espectro Autista.

Registro que esse processo de busca foi muito importante, pois permitiu-me observar que existem poucas pesquisas no campo da educação voltadas para esse assunto tão relevante na perspectiva desta dissertação, tendo em vista que o sujeito com o diagnóstico de autismo deve estar inserido no ambiente escolar e fazendo parte do processo de escolarização, sendo, portanto, seu direito de aprender a ser e de aprender a conviver preservado.

Parti, então, para a busca no mesmo Portal por categoria/palavra-chave/descritor (todos neste trabalho considerado como sinônimos) individualmente. Com a categoria “Transtorno do Espectro Autista” obtive centro e trinta e oito artigos e nenhuma tese. Dentre o material encontrado, foram separados apenas dois artigos (Quadro 3) que apresentavam algumas informações para o aprofundamento desta dissertação e que poderiam servir para apoiar a pesquisa.

Quadro 3 - Portal CAPES – Categoria Transtorno do Espectro Autista

	Título	Autor	Ano	Link
1	O transtorno do espectro autista em tempos de inclusão escolar: o foco nos profissionais de educação	Marily Oliveira Barbosa	2018	https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/24248
2	Inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática da literatura	Cristiane Soares Cabral; Angela Helena Marin	2017	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982017000100113&lng=en&tlng=en

Fonte: Mello (2018).

Com a categoria "Clínica Psicopedagógica" foram encontrados, no Portal da CAPES, cento e quarenta e três artigos voltados para a área da educação. Porém, dentre eles, apenas um abordava o descritor autismo e possuía relevância para a pesquisa, conforme registrado no Quadro 4.

Quadro 4 - Portal CAPES – Categoria Clínica Psicopedagógica

	Titulo	Autor	Ano	Link
1	A mediação lúdica no espectro autista: uma possibilidade comunicativa e de intervenção psicopedagógica	Ana Beatriz Machado de Freitas	2009	https://doaj.org/article/bd5725970423440ba504b4416c47aad2?frbrVersion=2

Fonte: Mello (2018).

Com o intuito de encontrar mais trabalhos que tratassem da temática desta pesquisa, realizei buscas cruzadas com os descritores "Autismo mais clínica psicopedagógica", resultando em dezenove produções, contudo, nenhuma delas com interfaces com meus objetivos. Ao cruzar os descritores "Transtorno do Espectro autista mais clínica psicopedagógica," obtive cinco artigos, porém, nenhum deles com aderência ao tema desta dissertação (Quadro 5).

Quadro 5 - Portal CAPES – Categorias e Cruzamentos Possíveis

	Categorias e cruzamentos	Resultados encontrados	Subsídios para a pesquisa
1	"Autismo + Clínica psicopedagógica	19 itens	0 itens
2	"Transtorno do espectro autista + clínica psicopedagógica"	5 itens	0 itens

Fonte: Mello (2018).

Na sequência, realizei busca no banco de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), com as mesmas categorias e método de pesquisa usado no Portal CAPES, ou seja, pesquisadas uma a uma e também em pares. Na categoria autismo, foram encontrados quinhentos e quarenta e cinco itens, dos quais, após leitura de títulos, palavras-chave e resumos, selecionei onze artigos (Quadro 6).

Quadro 6 - Portal SCIELO – Categoria Autismo

	Título	Autor	Ano	Referência
1	Autismo: breve revisão de diferentes abordagens	Cleonice Bosa, Maria Callias	2000	http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722000000100017&script=sci_abstract&tlng=pt
2	Um olhar sobre autismo e suas especificações	Eliane Marinho; Vânia Markle	2009	http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2015/08/UM-OLHAR-SOBRE-O-AUTISMO-E-SUAS-ESPECIFICA%C3%87%C3%95ES.pdf
3	Autismo: Intervenções Psicoeducacionais	Cleonice Bosa	2006	http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbp/v28s1/a07v28s1.pdf
4	Autismo. Psicologia da Educação	Kadu V. T Paulino.	2015	http://www.gradadm.ifsc.usp.br/dados/20152/SLC0631-1/Autismo.pdf
5	Autismo Infantil	Francisco B. Assumpção; Ana Cristina M. Pimentel	2000	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000600010
6	Levantamento de teses e dissertações publicadas sobre a temática do autismo no período de 2009 á 2014	Christiane Cordeiro Silvestre; Carla L.B. Vestena	2005	http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18813_8762.pdf
6	Levantamento de teses e dissertações publicadas sobre a temática do autismo no período de 2009 á 2014	Christiane Cordeiro Silvestre; Carla L.B. Vestena	2005	http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18813_8762.pdf

Quadro 6 – Portal SCIELO... Continuação...

	Título	Autor	Ano	Referência
7	Autismo em causa: historicidade diagnóstica, prática clínica e narrativa dos pais.	Cristina Merletti	2018	http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642018000100146&script=sci_abstract&tlng=pt
8	Uma breve revisão Histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger	Ana Carina Tamanaha; Jacy Perissinoto; Brasilia Maria Chiari	2008	http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v13n3/a15v13n3.pdf
9	Autismo: guia prático	Ana Maria Mello	2007	http://www.autismo.org.br/site/images/Downloads/7guia%20pratico.pdf
10	A atuação psicopedagógica diante do processo de crianças com autismo.	Gabriela B. Meneses Louise Machado; Luciane N. Smeha.	2015	https://www.periodicos.unifra.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1836
11	Literatura científica brasileira sobre transtornos do espectro autista	Maria Cristina Teixeira; Tatiana P. Mecca; Renata L. Velloso; Riviane B. Bravo; Sabrina H. B. Ribeiro; Marcos T. Mercadante; Cristian S. Paula	2010	http://www.scielo.br/pdf/ramb/v56n5/v56n5a26.pdf

Fonte: Mello (2018).

Ao sequenciar as buscas pela categoria “Transtorno do Espectro Autista” na SCIELO, não foram encontrados materiais para pesquisa, sendo desnecessária a elaboração do quadro respectivo.

Segui, então, para a categoria “Clínica Psicopedagógica”, localizando apenas uma obra, porém sem relevância para esta dissertação.

Efetuei, então, uma busca cruzada com os descritores “Autismo + Clínica Psicopedagógica” e “Transtorno do Espectro Autista + Clínica Psicopedagógica”. Ressalto que nas duas buscas no banco de dados citado não foram encontrados documentos que apresentassem subsídios para a pesquisa.

Após reuniões com a orientadora, foram revisadas as palavras-chave, também como forma de avaliar a caminhada no mestrado e para atender ao desejo de contribuir com a ampliação da compreensão sobre autismo como subsídio de aporte para as práticas psicopedagógicas. Desse repensar trajetória e objetivos, cheguei às palavras-chave definitivas desta dissertação: Autismo, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Teorias sobre Autismo e Práticas Psicopedagógicas. A partir desse norte, iniciei novas buscas nos bancos de dados mencionados, retificadas em novembro de 2018, cujos resultados são apresentados no Quadro 7, especificamente sobre o Portal CAPES.

Quadro 7 - Portal de Periódico CAPES – Nova Categoria Teoria sobre autismo

Título	Autor	Ano	Link
A Produção Científica Brasileira sobre Autismo na Psicologia e na Educação	Nelzira Prestes da Silva; Iracema Neno Cecilio Tada	2015	http://www.scielo.br/pdf/ptp/v31n3/1806-3446-ptp-31-03-00303.pdf

Fonte: Mello (2018).

Para a categoria Teoria sobre autismo foram encontrados 157 trabalhos, dentre eles apenas um foi selecionado, por trazer contribuições para o objetivo desta pesquisa:

Seguindo com as buscas da nova categoria “Práticas Psicopedagógicas” no Portal CAPES, encontrei trinta e oito artigos, porém, ao avaliar os mesmos, percebi que nenhum estava ligado ao tema autismo. Havia práticas psicopedagógicas para outros possíveis transtornos, menos para o assunto em questão, sendo então desnecessária a elaboração do quadro respectivo.

Com o objetivo de encontrar mais trabalhos que abordassem a temática em questão, realizei buscas cruzadas com os descritores “Teoria sobre autismo + Práticas Psicopedagógica”, “Teoria sobre Autismo + Transtorno do Espectro Autista” e “Teoria sobre autismo + Autismo”, também sem registro de estudos com esse cruzamento.

A busca foi realizada também com o cruzamento dos descritores “Práticas Psicopedagógicas + Teoria sobre autismo”, “Práticas Psicopedagógicas + Transtorno do Espectro Autista” e “Práticas Psicopedagógicas + Autismo”, também sem registro de material que contemplasse algum dos objetivos desta dissertação. Do mesmo modo, também não obtive resultado em relação às categorias relacionadas à Teoria sobre Autismo e Práticas Psicopedagógicas.

O mesmo trabalho foi realizado na SCIELO, com as novas categorias. Encontrei dezoito artigos sobre Teorias sobre Autismo, porém, apenas um foi destaque para auxiliar em meu tema.

Percebi, nesse trajeto, que as teorias relacionadas nos estudos encontrados não contribuíam com o que meu projeto objetivava. Em grande parte dos artigos relacionados à teoria do autismo o objetivo era o de investigar, a partir da teoria das representações sociais, as ideias de senso comum que circulam entre professores acerca do autismo infantil, que não é o foco da minha pesquisa.

Executei, então, o cruzamento das palavras-chave na página de buscas da SCIELO com as categorias "Teoria sobre autismo + Práticas Psicopedagógica", "Teoria sobre Autismo + Transtorno do Espectro Autista" e "Teoria sobre autismo + Autismo", novamente sem retorno positivo para esses cruzamentos na direção dos meus objetivos. O mesmo se deu na busca cruzada das categorias "Práticas Psicopedagógicas + Teoria sobre autismo", "Práticas Psicopedagógicas + Transtorno do Espectro Autista" e "Práticas Psicopedagógicas + Autismo".

Em resumo, as buscas efetuadas no Portal da CAPES e na SCIELO demonstram que ainda há muito a fazer no campo dos estudos acadêmicos voltados para a educação no que tange ao objetivo geral desta dissertação. A busca sistemática final mostrou que ainda são necessárias muitas pesquisas sobre o tema Autismo, especificamente nas categorias Transtorno do Espectro Autista, Teoria sobre Autismo e Práticas Psicopedagógicas combinadas para auxiliar na compreensão e efetivação dos direitos dos autistas e de seus familiares a uma educação igualitária.

1.2 APRESENTANDO OS CÚMPLICES TEÓRICOS, *A PRIORI,* PARA A CAMINHADA

Após a definição do tema, objetivos e metodologia e de ter realizado a busca sistemática, apresento as categorias "a priori" que emergem das palavras-chave definidas; **Autismo**, **Transtorno do Espectro Autista**, **Teoria sobre Autismo** e **Práticas psicopedagógicas**. Destaco, portanto, os referenciais teóricos iniciais que me auxiliaram no ponto de partida tendo como eixo as palavras-chave relacionadas.

A categoria **Autismo**, aqui também inserida como sinônimo do TEA, é entendida no início da pesquisa de acordo com as colocações de Cunha (2017), para quem o termo autismo foi empregado pela primeira vez pelo psiquiatra austríaco Enry Bleuler, em 1911, pois o mesmo buscava descrever a fuga da realidade e o retraimento interior dos pacientes acometidos de esquizofrenia. Afirma ainda esse autor que autismo é um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade: comprometimentos na comunicação – dificuldade na interação social e atividades restritas-repetitivas (CUNHA, 2017). Esse autor afirma que:

> O Transtorno do Espectro Autista manifesta-se nos primeiros anos de vida, proveniente de causas ainda desconhecidas, mas com grande contribuição de fatores genéticos. Trata-se de uma síndrome tão complexa que pode haver diagnósticos médicos abarcando quadros comportamentais diferentes. Tem em seus sintomas incertezas que dificulta muitas vezes, um diagnóstico precoce. Tem demandado estudos e indagações, permanecendo ainda desconhecido de grande parte das pessoas. Não há padrão fixo para sua manifestação, e os sintomas variam grandemente. (CUNHA, 2017, p. 19).

Entende ainda o autismo como síndrome ou como deficiência persistente e de grande significado clínico que surge por volta dos três anos de idade. A média de prevalência do autismo em estudos epidemiológicos era de cerca de aproximadamente 15 casos por 10.000 indivíduos, com taxa de relatos variando de 2 a 20 casos por 10.000 indivíduos, de acordo com o DSM-5 (CUNHA, 2017). Sabe-se, porém, que tal taxa, após pesquisas, mencionam o aumento de um caso a cada 150 ou 100 nascimentos, com maior incidência em meninos, com índice maior de 4 a 5 vezes, como afirma Cunha.

Brites (2019) salienta que:

> Em paralelo, estudos clínicos e de observação evolutiva começaram a dar ampla base de informações que proporcionaram o desenvolvimento de testes, escalas e instrumentos de avaliação diagnóstica que passaram a auxiliar na detecção cada vez mais precoce dos sinais iniciais na infância e permitiram criar parâmetros ais seguros para profissionais suspeitarem e confirmarem a presença ou a ausência do autismo nas mais diferentes fases da vida. (BRITES, 2019, p. 19).

Para Brites (2019), o autismo é uma síndrome de início precoce, caracterizada por alterações marcantes no desenvolvimento da linguagem e da interação social. Essas características são fundamentais para que ocorra um diagnóstico e estão presentes em todos os indivíduos com transtorno.

De acordo com Baptista e Bossa (2002), a atribuição de um diagnóstico pode facilitar o conhecimento e o prognóstico sobre uma determinada condição e a consequente comunicação entre os profissionais, permitindo o desenvolvimento do sujeito.

Ressalto a categoria **Transtorno do Espectro Autista (TEA)** como sinônimo de autismo nesta dissertação, pois, conforme os registros apontam, por se tratar muitas vezes de um transtorno com grandes prejuízos orgânicos, déficits cognitivos, convulsões e doenças genéticas algumas vezes comuns em outras patologias, há muitas incertezas a seu respeito.

Segundo Cavalcante e Rocha (2002):

> As qualidades sensoriais de um indivíduo com autismo ficam reduzidas a um estado fragmentado, dominado pela compulsão e repetição de manuseios inapropriados e seu contato sensorial com pouca ingerência cognitiva, desta forma a pessoa com autismo

> cria suas próprias formas de relacionamento com o mundo exterior (CALVACANTE; ROCHA, 2002, p. 20).

Para esses autores, fica claro que o comportamento da pessoa com transtorno do espectro autista indica uma disposição marcada pela rigidez de uma rotina e outros aspectos de seu funcionamento. Esses sintomas, se diagnosticados precocemente, auxiliam no reconhecimento da síndrome.

De acordo com Bossa (2002), o transtorno do espectro autista é uma síndrome intrigante, porque desafia nosso conhecimento sobre a natureza humana. A autora afirma que:

> Compreender o autismo é abrir caminhos para o entendimento do nosso próprio desenvolvimento. Estudar autismo é ter em mãos um "laboratório natural" de onde se vislumbra o impacto da privação das relações recíprocas desde cedo na vida. Conviver com autismo é abdicar de uma só forma de ver o mundo – aquela que nos foi oportunizada desde a infância, é pensar em formas múltiplas de e alternativas se, contudo, perder o compromisso com a ciência (e a consciência) – com ética (BOSSA, 2002, p. 37).

Assim, por meio dessa compreensão inicial do que é basicamente o autismo ou TEA, entendo essas duas palavras como sinônimas, e busco aprofundar conhecimentos propostos por teóricos contemporâneos para que o assunto seja cada vez mais abordado e compreendido. Isso se deve ao fato de que o tema ainda é confuso e preocupante para muitos dos educadores e demais profissionais da educação em geral e também para a grande maioria da sociedade. O projeto realizado, expresso nesta dissertação, buscou demonstrar nosso comprometimento pela causa, mostrar o quanto podemos e devemos buscar entendimento sobre o tema como forma de vencer o preconceito que assombra autistas e suas famílias. Desse modo, torna-se mais viável o trânsito por essas fronteiras ainda tão difusas. Compreender o autismo e o transtorno do espectro autista requer constante aprendizagem e uma (re)visão contínua de nossas crenças, valores e conhecimentos sobre o mundo e sobre o respeito ao outro e, portanto, também sobre nós mesmos.

Como forma de chamar a atenção sobre nossa condição de incessante aprendizagem, Bossa (2002), no seu livro Autismo e Educação, diz que:

> [...] Viajar é transportar-se sem muita bagagem para melhor receber o que as andanças têm a oferecer [...] é despir-se de si mesmo, dos hábitos cotidianos, das realidades previsíveis, da rotina imutável, e renascer virgem e curioso aberto ao que lhe vai ser ensinado. [...] Viajando você é reinventado. [...] Sair de casa é a oportunidade de sermos estrangeiros e independentes, e essa é a chave para aniquilar tabus. A maioria de nossos medos é herdada. Viajando é que descobrimos nossa coragem e atrevimento, nosso instinto de sobrevivência e conhecimento. Viajar minimiza preconceitos (BOSSA, 2002, p. 12).

Movida por essa “busca aprendente”, acredito na capacidade de todos, sem exceção, que se propõem alcançar melhor compreensão do autismo, pois este não se define no fechamento de um diagnóstico prescritivo. Em cada pessoa ele se instala de forma mutante e com características que vão além da definição e das consequências do seu aspecto geral.

Na categoria **Teoria sobre Autismo**, em consonância com essa perspectiva, para compreendê-la melhor, busquei, inclusive, definição básica do dicionário Michaelis On-line, cujo registro a indica como “[...] hipótese já posta à prova, no mundo real, aprovada e, assim, aceita por cientistas orientados e experimentados no assunto; está, porém, sempre sujeita a transformação de acordo com novas descobertas”. Por conta de minha caminhada e vivências com o universo autista, desvelou-se uma séria lacuna sobre a existência de uma teoria completa sobre autismo em produções cientificas publicadas.

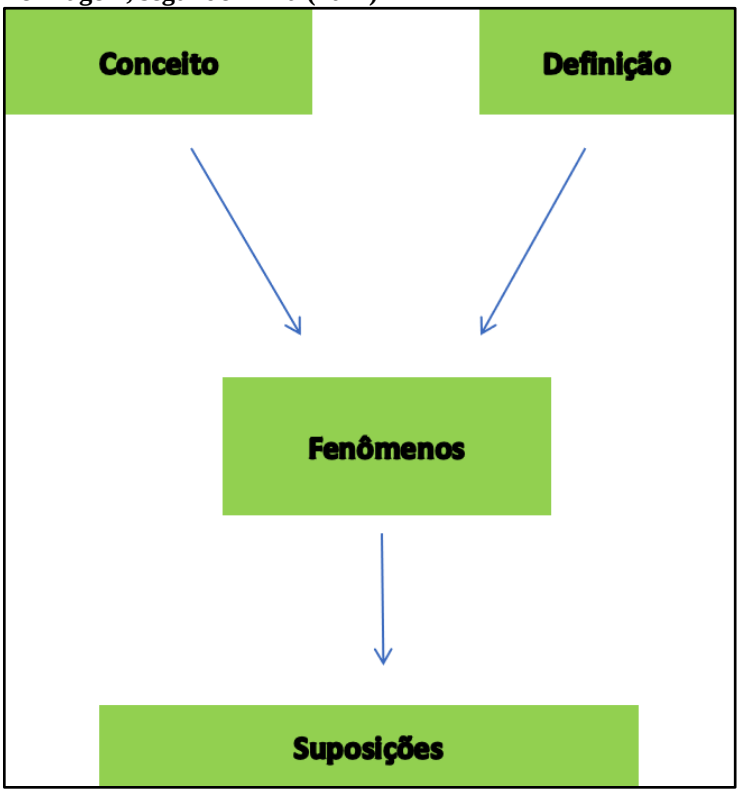
Desta forma, por meio de um estudo exploratório das obras e artigos selecionados de alguns teóricos contemporâneos sobre o tema, busquei a base para desvelar meu objetivo geral, compreendendo, como ponto de partida, a teoria como esclarecimento cientificamente com bons fundamentos, que busca explicar aspectos de um mundo real. A teoria é, portanto, um sistema de conhecimentos organizados que se aplicam a diversas situações com o objetivo de explicitar um conjunto determinado de fenômenos, mas composta/elaborada com fundamentos específicos.

Na busca por artigos que cotejariam inicialmente minha escrita como ponto de partida, encontrei também o conceito de teoria em Perry (2006). Segundo esse autor, teoria é um conjunto de conceitos e definições, relacionamentos e hipóteses que projetam a visão sistêmica de um fenômeno. Disso resulta, novamente, a necessidade de desvelar quais os fundamentos essenciais que compõem uma teoria.

Desse modo, apresento, no Quadro 8, a representação de um conjunto de regras que compõem uma teoria com base nos estudos realizados para esta dissertação. Ressalto que tal quadro tem como base maior um artigo da área de enfermagem, do professor Jorge Luiz Lima (2017), sob o título Teoria da Enfermagem. Em sua versão, o professor descreve o que é uma teoria na enfermagem, definindo-a como conceitualização de alguns aspectos da enfermagem comunicados com a finalidade de descrever, explicar, diagnosticar e/ou prescrever cuidado de enfermagem.

No artigo original de Lima para formar a teoria, segundo o autor, é necessário um conceito, uma suposição e os fenômenos dentro dos atendimentos que compõem a enfermagem. No Quadro 8, uma síntese do que compõe uma teoria de enfermagem, segundo Lima (2017).

Quadro 8 - Teoria de enfermagem, segundo Lima (2017)



Fonte: Lima (2017).

No artigo sobre teorias, Lima explicita que, no campo da enfermagem, estas compõem pilares da profissão e auxiliam o enfermeiro a implementar o cuidado metodológico em sua rotina de trabalho. Cada teoria possui características específicas, visando o cuidado necessário para o estudo das mesmas e que nortearão os paradigmas científicos, éticos e culturais do indivíduo.

Foi nessa direção, portanto, fazendo uma analogia com as categorias sobre autismo, que optei por construir o Quadro 9, com um esquema de fundamentos teóricos necessários para compor uma teoria, complementando o quadro de Lima, para usar como base para a pesquisa bibliográfica dos autores selecionados para a dissertação.

Quadro 9 - Conjunto de representação de elementos para uma teoria sobre autismo adaptado de Lima

Fonte: Mello (2019), adaptado de Lima (2017).

O Quadro 9 foi elaborado com base na análise das obras escolhidas como amostra para a pesquisa bibliográfica - eixo metodológico desta dissertação.

A busca desses fundamentos ressalta que o foco na educação deve ser centrado na importância do processo da aprendizagem e não apenas no resultado. O caminho que se trilha até chegar ao resultado deve ser sempre considerado como imprescindível para o aprendente com transtorno do espectro autista, a partir de uma teoria que norteie todo o processo.

No que se refere à categoria **Práticas psicopedagógicas**, busquei amparo na Associação Brasileira de Psicopedagogia, cujas recomendações destacam que essas práticas devem concentrar-se no aprendente e em sua relação com a aprendizagem, fazendo com que o sujeito foque não somente no aprender, mas também no adquirir ou desenvolver habilidades necessárias para seu desenvolvimento integral.

A intervenção e os tratamentos que se expressam em práticas psicopedagógicas devem sempre ser da ordem do conhecimento, relacionadas com a aprendizagem, considerando o caráter indissociável entre os processos de aprendizagem e as dificuldades do aprendente.

É importante registrar que as reflexões sobre a categoria práticas psicopedagógicas fazem parte do Código de Ética do Psicopedagogo, que utiliza a Psicopedagogia em sua natureza inter e transdisciplinar, adotando métodos, instrumentos e recursos próprios para a compreensão do processo de aprendizagem cabíveis na intervenção, com o intuito de promover a aprendizagem e contribuir para os processos de inclusão escolar e social. Também consiste em compreender e propor ações frente às dificuldades de aprendizagem, mediando conflitos relacionados aos processos de aprendizagem. O/a psicopedagogo/a deve, junto às autoridades competentes, apoiar as reflexões, a elaboração, organização, implantação e execução de projetos de Educação e Saúde no que concerne às questões psicopedagógicas, como conceituado na ABPP:

> Olhar um indivíduo com dificuldades escolares como se fosse um tonel que se esvazia que não tem memória e não registra nada é, no mínimo, uma postura reducionista, que não permite encará-lo como sujeito de sua própria história. Por isto, o psicopedagogo deve trabalhar em conjunto com a família, a escola e outros profissionais ou instituições envolvidas, para poder chegar a um consenso a respeito dos problemas e das possibilidades de soluções. São questões como essas que merecem a atenção do psicopedagogo, e podem transformá-lo num mediador entre o aluno, a escola e a família, tanto instrumentalizando esse aluno para sua inclusão no sistema de ensino, como instrumentalizando as instituições no sentido de relativizar as expectativas. (ABPP, 2016).

Assim, os profissionais que se pautam em fundamentos teóricos específicos sobre TEA (Autismo) e seus reflexos nas práticas psicopedagógicas devem dispor de uma série de condições educativas, com o intuito de promover a autonomia dessa criança para que se torne um adulto capaz de realizar tarefas simples do seu dia a dia. O quadro de autismo necessita que todas as práticas psicopedagógicas que o envolvem sejam pautadas numa ação integrada pautada numa sólida teoria e em constante pesquisa sobre o indivíduo, com pertinência a sua história, sua família, seus desejos, suas necessidades, utilizando instrumentos teóricos e práticos adequados para a condução de todo processo, visando conceder a autonomia e a identidade a esse ser em sua plenitude, pois esse é o caminho para essa construção.

Há que lembrar nessa caminhada que não há docência sem discência, pois as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças que conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Como entende Paulo Freire (2004, p. 23), “quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”.

Desta forma, ajudar a desvelar quais fundamentos teóricos são o eixo do fazer teórico psicopedagógico abre caminhos para aprofundamentos necessários à pesquisa e, consequentemente, ao desenvolvimento de seus objetivos. Para visualização dos cúmplices

teóricos e as categorias que auxiliaram esta investigação no ponto de partida para as reflexões, foi elaborado o Quadro 10, que me amparou durante a compreensão advinda dos estudos.

Quadro 10 - Categorias e cúmplices teóricos "a priori" da dissertação

Categorias	Cumplice Teórico
Autismo	Moraes (2003), Cunha (2017), Bossa (2002), Mantoan (2016) Teixeira (2017), Whitman (2015)
Transtorno do espectro autista	Cunha (2017), Cavalcante e Rocha (2002), Teixeira (2017)
Teoria sobre autismo	Lima (2012), Perry (2006), Whitman (2015)
Práticas psicopedagógicas	Cunha (2017), Rubinstein (1999), Brites (2019)

Fonte: Mello (2018).

Assim, compreendo que esses cúmplices teóricos, a partir das categorias "a priori", fundamentaram-me como início dos caminhos metodológicos que registro no capítulo a seguir, os quais foram fundamentais para os diálogos que busquei para estruturar esta dissertação.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS: EM BUSCA DE FUNDAMENTOS TEÓRICOS SOBRE O AUTISMO

Este capítulo representa o corpo do desenvolvimento desta dissertação, sendo nele abordadas as características da pesquisa bibliográfica, a organização de dados e sua análise, efetuada por meio de estudo exploratório de quatro livros sobre autismo, portanto bases na minha investigação. Aqui exponho a técnica de coleta, organização e análise dos dados, em uma subdivisão em subcapítulos, nos quais apresento a leitura dos quatro livros escolhidos intencionalmente como amostra, em busca de fundamentos teóricos sobre autismo. Ao término, traço indicadores das categorias desveladas pelos autores, à luz do quadro de Mello, inspirado em Lima, registrando a presença e/ou ausência dos fundamentos de uma teoria em cada autor.

Possuo como cúmplice teórico, nos caminhos metodológicos, Triviños (2012), quando este assegura que as pesquisas em Ciências Sociais têm três enfoques, entendidos como paradigmas, a saber: materialismo dialético, positivismo e fenomenologia. A pesquisa que ora finda tem definido como paradigma de investigação o materialismo dialético que consiste, de acordo com o teórico, na "[...] base filosófica do marxismo e como tal realiza tentativa de buscar explicações coerentes, lógicas e racionais para os fenômenos da natureza e da sociedade e do pensamento (TRIVIÑOS, 2012, p. 51).

Frente a esse eixo paradigmático, a dissertação é desenvolvida por meio da categoria do método dialético, no entendimento de que o conhecimento é produzido a partir de relações dialéticas entre as pessoas, mediadas pelo mundo. Triviños (2012) afirma que:

> O pesquisador que segue uma linha teórica baseada no materialismo dialético deve ter presente em seu estudo uma concepção dialética da realidade natural e social e do pensamento, a materialidade dos fenômenos a que esses são possíveis de conhecer. [...] Não é possível, porém, para o pesquisador imbuído de uma concepção marxista da realidade, realizar uma investigação no campo social, e especificamente na área educacional [...] (TRIVIÑOS, 2012, p. 73).

O autor indica o materialismo dialético como base filosófica do marxismo e o materialismo histórico como a ciência filosófica do marxismo. Logo trata-se de uma teoria do conhecimento que opta pela importância da prática social como critério da verdade, estudando leis sociológicas que prezam pela vida da sociedade, sua evolução histórica e o desenvolvimento da humanidade. Desta forma:

> O materialismo histórico esclarece conceitos como ser como ser social (relações materiais dos homens com a natureza e entre si que existe em forma objetiva, isto é, independente da consciência); "consciência social" (são a ideia de políticas, jurídicas, filosóficas, estéticas, religiosas etc.), assim como a psicologia social das classes, etc. que se têm constituído através da história; meios de produção; tudo o que os homens

> empregam para originar bens materiais (máquinas ferramentas, energia, matérias químicas etc.); forças produtivas: são os meios de produção, os homens =, sua experiência de produção, seus hábitos de trabalho. Não obstante sem considerar a importância única do homem, a força de produção depende fundamentalmente dos instrumentos da tecnologia. As relações de produção não podem ser separadas das forças de produção. [...] O materialismo histórico define outra série de conceitos fundamentais para compreender suas cabais dimensões como: sociedade, formações socioeconômicas, estrutura social, organização política da sociedade, vida espiritual, a cultura, concepção de homem, a personalidade, progresso social etc (TRIVINÕS, 2012, p. 52).

Ao me apropriar do paradigma do materialismo histórico-dialético, vejo que a escolha pelo tema desta dissertação foi de grande importância para aprofundar conhecimentos e estudos sobre as categorias Autismo, ou TEA, Teoria sobre Autismo e Práticas Psicopedagógicas, pois compreendo que o materialismo histórico-dialético traz em sua raiz a importância da compreensão dos direitos humanos em sua totalidade, nesse contexto incluindo as pessoas autistas.

Pretendi, por meio deste método, ampliar a compreensão da realidade sobre o autismo, realidade esta sempre inacabada, portanto, caminho que se faz potencializando os aspectos que mostram os fatos observados e aqueles ligados à atividade criadora de um agente, o ser humano, em suas relações sociais com o outro, no mundo e em permanente transformação.

De acordo com Triviños,

> O materialismo dialético apoia-se na ciência pra configurar sua concepção de mundo. Resumidamente, podemos dizer que o materialismo dialético reconhece como essência do mundo a matéria que, de acordo com as leis do movimento, se transforma, que a matéria é anterior a consciência e que a realidade objetiva e suas leis são cognoscíveis (2012, p. 23).

Acredito que, com o paradigma do materialismo histórico-dialético, via método dialético, é possível também desvelar conhecimentos sobre o tema autismo, suas teorias e as possíveis práticas psicopedagógicas que podem resultar em maior compreensão e respeito ao próximo, dentro de suas potencialidades e limitações, respeitando seus direitos.

Diniz e Silva (2001) recomendam o método dialético de investigação, pois ele comporta o imperfeito, o inacabado e, principalmente, considera a dinâmica das mudanças produzidas pela ação do ser humano na sociedade, a mutabilidade da realidade, o que torna o próprio método um processo dinâmico de articulação, associação de ideias e conceitos que gera muitas possibilidades de interpretação do objeto a ser pesquisado.

O método dialético também é caminho na construção do saber científico quando o "sujeito" busca conhecer e perceber-se na construção desse conhecimento do objeto. Assim, ao

mesmo tempo, se constrói e (des)constrói nas interações entre o sujeito e o objeto. As mesmas autoras esclarecem que

> O método dialético reconhece a dificuldade de se apreender o real, em sua determinação objetiva, por isso a realidade se constrói diante do pesquisador por meio das noções de totalidade, mudança e contradição. A noção de totalidade refere-se ao entendimento de que a realidade está totalmente interdependente, inter-relacionada entre os fatos e fenômenos que a constitui. Já a noção de mudança compreende que a natureza e a sociedade estão em constantes mudanças e que elas tanto são quantitativas quanto qualitativas. (DINIZ; SILVA, 2008, p.4-5).

Por essas razões, para a metodologia de pesquisa desta dissertação, defino-a como de cunho qualitativo que, conforme Tozoni-Reis (2010), "[...] defende a ideia de que, na produção de conhecimento sobre os fenômenos humanos e sociais, nos interessa mais compreender e interpretar os conteúdos de que descrevê-los, explicá-los" (p. 5). Complementa Creswell, dizendo que a pesquisa de caráter qualitativo

> É um processo de pesquisa que envolve as questões e os procedimentos que emergem, os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos estudos (CRESWELL, 2010, p. 26).

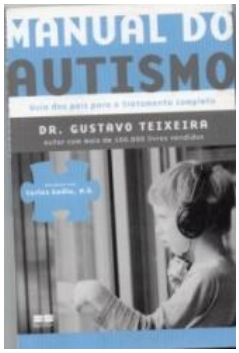
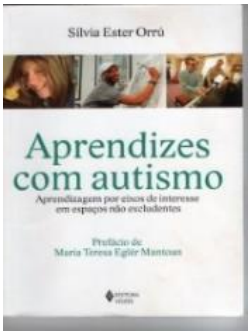
Pautada em Triviños (2012), compreendo que esse caminho de investigação foi o mais apropriado para meus objetivos de pesquisa que ora finda. Minha decisão também foi bibliográfica, caracterizando-se, portanto, como estudo exploratório. Com Triviños, (2012) compreendo que:

> Os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar suas experiências em torno de um determinado problema.[...] Pensa-se que a realização de um estudo exploratório, pode ser aparentemente simples, elimina o cuidadoso tratamento científico que todo investigador tem presente nos trabalhos de pesquisa. Esse tipo de investigação por exemplo não exime a revisão de literatura, entrevistas, o emprego de questionários etc...tudo dentro de um esquema elaborado com a severidade característica de um trabalho científico. (TRIVIÑOS, 2012 p. 109-10).

Utilizei como metodologia central a pesquisa bibliográfica, que se definiu por desvelar em livros alguns dos fundamentos teóricos contemporâneos sobre o autismo. Foram selecionados, intencionalmente, como amostra, quatro autores cujos estudos certamente contribuem para a compreensão dos fundamentos que permeiam teorias sobre autismo. No momento da coleta de dados, tratava-se de livros comuns, encontrados com frequência pela pesquisadora por conta de seu uso como apoio para profissionais da educação e membros da família com crianças diagnosticadas com autismo.

Desse modo, a amostra selecionada foi intencional, tendo como critérios minhas experiências em processos de formação de profissionais e no contato com as famílias em geral. Isso porque, essas pessoas usavam os referenciais aqui selecionados quando buscavam aprofundar-se no tema. Ao preparar meus cursos e palestras, percebi nessas quatro obras conteúdos mais acessíveis para o início de um processo de desvelamento de fundamentos teóricos sobre o TEA. No Quadro 11, apresento os livros que compõem a amostra de análise desta dissertação.

Quadro 11 - Amostra Selecionada

	Obra	Autor /Ano
1		Leboyer, Marion Autismo Infantil – Fatos e modelos. 2ed. Campinas, SP – Pappirus:1995 (Coleção Educação Especial)
2		Teixeira, Gustavo Manual do autismo.3.ed – Rio de Janeiro: *BestSeller, 2017*
3		Orrú, Sílvia Ester Aprendizes com autismo: aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

Quadro 11: Amostra... Continuação...

	Obra	Autor /Ano
34		Cunha, Eugênio Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família. 7ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2017.

Fonte: Mello (2019)

Entendi, na definição da amostra, que essas obras poderiam contribuir para a organização de um quadro mais acessível de fundamentos teóricos contemporâneos sobre o tema, como forma de auxiliar os interesses da população em geral, que busca a compreensão básica do que é o autismo e quais as suas fronteiras, ainda hoje tão difusas. Ao ler as obras, percebi que cada autor apresenta fundamentos teórico-práticos sobre o autismo, levantando conceitos, hipóteses de diagnóstico, características e tratamentos (práticas psicopedagógicas), mesmo que não exista em cada obra todos os fundamentos registrados no quadro proposto por Lima (2017) e adaptado por Mello (2018).

Reitero que a pesquisa bibliográfica resultou em uma amostra com quatro obras e a leitura se deu por meio da técnica de análise do conteúdo, realizada individualmente com o levantamento teórico de indicadores que os autores apresentam à luz do quadro de Mello, inspirado em Lima. Isso me possibilitou a busca das categorias concretas que compõem fundamentos de uma teoria apresentada pelos autores e que refletem a compreensão dos pesquisados na busca da elaboração de uma teoria específica.

Segundo Bardin (2009, p. 33), a análise de conteúdo como técnica de investigação caracteriza-se como

> [...] conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 1988, p. 27).

Ainda, para Bardin, (2009), a análise de conteúdo se organiza em três passos imprescindíveis, a saber:

a) Pré-análise: organização do material, à luz da definição dos objetos estudados. Assim defini meus documentos de análise, as quatro obras sobre autismo, organizando-as para leitura. b) Descrição analítica: processo das informações, dados em estudos, classificação e categorização. Nesta descrição foi realizada a leitura das obras e também elaborado um fichamento com síntese dos conteúdos que poderiam indicar um ou mais fundamentos teóricos em cada obra. A partir dessa síntese, foram destacados os trechos que se aproximavam dos indicadores mais específicos do quadro de Mello (2019) sobre a estrutura de uma teoria. c) Interpretação referencial: foi realizado um tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação que resultaram no capítulo final, com a reflexão sintática entrelaçando os quatro quadros de análise, seguido das contribuições finais.

2.1 CAMINHOS ESCOLHIDOS: ORGANIZAÇÃO DE DADOS, COLETAS E CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

A seguir, nos subcapítulos, serão apresentadas as análises dos dados obtidos em cada obra selecionada, bem como a organização de dados, relatando os fundamentos teóricos encontrados sobre transtorno de espectro autista, teoria sobre autismo e práticas psicopedagógicas em cada obra. Serão apresentados também quadros demonstrativos de fundamentos teóricos encontrados em cada obra durante a análise.

Desta forma, dou início ao meu diálogo com a autora Marion Leboyer (1995), com a obra Autismo infantil – fatos e modelos, que descreve inicialmente sobre o autismo “pelos olhos” de Kanner, que há mais de 40 anos tratou dessa patologia, abordando suas causas e seus fatores desencadeantes e apresentou vários enfoques sobre o autismo.

Em seguida, estabeleço diálogo com Gustavo Teixeira (2017), com a obra O Manual do Autismo, sendo este um guia para o tratamento completo da síndrome. Teixeira situa desde os primeiros estágios da vida e as dificuldades enfrentadas ao receber o diagnóstico. Segundo o autor, com seu manual é fácil descobrir o TEA e também aprender como lidar com os comportamentos das crianças com tal transtorno.

A terceira obra selecionada para esta dissertação é de Sílvia Ester Orrú (2016), sob o título Aprendizes com autismo. A autora apresenta o que acontece quando alguém se dispõe o desafio de ensinar tendo como aprendizes pessoas com autismo. Aborda o fato de que a criança com autismo é um sujeito aprendente e esse olhar faz toda a diferença no processo de ensinar e na qualidade das relações sociais dialógicas estabelecidas nos diversos espaços de aprendizagem.

Já em Autismo e Inclusão, de Eugênio Cunha (2017), refletimos com o autor sobre características que ainda permanecem desconhecidas por grande parte dos educadores, o espectro autista. Trata-se de uma obra que menciona o autismo, a psicopedagogia e as práticas educativas na escola e na família.

2.1.1 Dialogando com a autora Maryon Leboyer (1995) - Autismo infantil: fatos e modelos

Esta obra é escrita por Maryon Leboyer, ela é uma psiquiatra francesa responsável pelo polo de psiquiatria e toxicologia do Universitário Hospitalar Henri-Mondor. Seus trabalhos se concentram em transtornos bipolares, esquizofrenia e autismo. Ela participou de grande pesquisas sobre os fatores de vulnerabilidade genética e ambiental de doenças mentais (em particular nos transtornos bipolares) e autismo, desta forma utilizo sua obra Autismo Infantil para esta pesquisa de mestrado.

Segundo Leboyer, marcado por preconceitos e falta de informação, o autismo já foi descrito pela ciência de formas distintas até alcançar a compreensão que se tem hoje. Relembro que em tempos remotos o autismo era diagnosticado como uma esquizofrenia, tendo em vista alguns sinais como o isolamento social e limitações relativas à comunicação e à linguagem. Autora e obra foram selecionados para esta dissertação como forma de aprofundar-me teoricamente no tema de pesquisa e melhor entender o autismo.

A autora regista que há mais de quatro décadas médicos e cientistas de vários países dedicam-se ao estudo do autismo infantil, porém, tal complexidade torna ainda restrito o conhecimento sobre essa síndrome e suas causas. Em seu estudo, Leboyer (1995) apresenta uma abordagem que tem sido desenvolvida sobre o autismo, mostrando que tal síndrome é antes de tudo um distúrbio de desenvolvimento do sistema nervoso central.

Leboyer reafirma que a tentativa de definição de autismo teve início em 1943, por Leo Kanner, no artigo “Distúrbios Autísticos do contato afetivo”. Para a autora, crianças com autismo não estabelecem uma relação normal iguais as outras, pois apresentam uma incapacidade na comunicação, um atraso na linguagem e também estereotipias gestuais, ainda que apresentem uma memória preservada e uma aparência física normal.

Os escritos de Leboyer (1995) apontam que, para Kanner, o sintoma fundamental do autismo era o “isolamento autístico” e estava presente na criança desde o início da sua vida. Ele sugeria que se tratava então de um distúrbio inato. Já em 1956, Kanner observou que a síndrome

poderia revelar-se depois de um aparente desenvolvimento normal no primeiro ou segundo ano de vida (LEBOYER, 1995, p. 10).

Sendo assim, para Leboyer (1995), a descrição de Kanner em torno do distúrbio central era a inaptidão das crianças em estabelecer "relações normais com as pessoas e em reagir normalmente as situações desde o início da vida", escolhendo o termo "autismo" para descrevê-lo.

Afirma Leboyer (1995) que, paralelamente, diversos outros autores tentaram classificar os itens para diagnosticar e definir testes e avaliação sobre o autismo. Menciona que não é exagerado dizer que há, nas literaturas, diversas descrições do autismo infantil. Observa que os autores privilegiavam o sintoma que lhe parecia pertinente e o mecanismo que o explicava. Sua compreensão é a de que a síndrome do autismo não é definida com precisão pelos autores, não havendo consenso que permita associar alguns sintomas como primários e outros como secundários.

A mesma autora descreve ainda uma tétrade clássica no autismo: isolamento, distúrbio das comunicações, imutabilidade e idade do surgimento. Apresenta em seguida o que denomina "outros sinais maiores", que caracterizam os elementos do prognóstico. Como mencionado, o comportamento social junto com o isolamento autístico é uma incapacidade acentuada que aparece até os cinco primeiros anos de vida e se caracteriza pela falta de reação aos outros e ausência de comportamento de apego normal. Isso ocorre na primeira infância, sendo comuns ausência de antecipação, ausência de contato visual, falta de resposta ao sorriso e falta de imitação. Para essa tétrade, a criança é totalmente indiferente ao outros e ignora a afeição do contato físico (LEBOYER, 1995).

Um dado a chamar atenção pela autora é o fato que o autista se comporta como se estivesse só, como se os outros não existissem. Tais crianças não procuram ser acariciadas e não esperam ser reconfortadas pelos seus pais quando têm dor ou quando possuem medo de alguma coisa ou situação. O que provoca alguma atenção dessas crianças, por vezes, são algumas partes de si, como por exemplo, a mão ou algum detalhe que aos olhos de quem não tem esse diagnóstico passa desapercebido (LEBOYER, 1995).

Além disso, para Leboyer (1995), na primeira infância existe a inaptidão de brincar em grupo ou em desenvolver laços fraternos. Sendo assim, essas crianças demostram pouca simpatia, pouca emoção e não possuem muitas amizades. Entretanto, essas perturbações de relações sociais poderiam ser intermitentes (ORNITZ, apud LEBOYER, 1995, p. 16). Também, as anomalias são relações interpessoais invariavelmente presentes nos autistas desde sua tenra infância e esse isolamento social se mantém na fase adulta.

Sobre o distúrbio da comunicação, Leboyer (1995) menciona que há grande disparidade entre crianças que apresentam outros tipos de distúrbios. Segundo ela, cerca da metade dos autistas não falarão nunca, não emitirão sons e nenhum tipo de ruídos. Para ela, se caso houver uma comunicação, caso a linguagem seja desenvolvida, ela não terá nenhum valor de comunicação e será caracterizada por uma ecolalia imediata e retardada, ou pela repetição de frases estereotipadas. Reafirma, em suma, que:

> A comunicação verbal é patológica, a expressão é anormal, a compreensão da linguagem é também muito limitada: e os autistas podem seguir uma instrução simples, mais frequentemente eles não conseguem executar ordens que impliquem a combinação de um ou vários itens, sobretudo se são apresentadas num contexto novo e sem ajuda de gestos. Quanto á comunicação não-verbal, ela é também limitada, senão ausente: as expressões gestuais ou as mímicas são inexistentes, pois a criança não é capaz de atribuir um valor simbólico aos gestos (LEBOYER, 1995, p. 17).

Desta maneira, para a autora, a capacidade de simbolizar é ausente ou limitada, os termos abstratos não fazem parte desse universo, portanto, não são empregados, e sua imaturidade gramatical são as mesmas encontradas nas crianças que têm linguagem limitada. Agregando ao exposto, pensando sobre os distúrbios de comunicação, afirma Leboyer (1995)que os autistas, quando querem atingir um objeto ou necessitam de algo, pegam a mão ou o punho do adulto, porém, nunca apontam ou acompanham seu pedido de um gesto simbólico ou de uma mímica. Pode-se observar, ainda, uma modulação patológica em sua linguagem no que se refere a volume, altura do som, qualidade da voz, ritmo, entonação e inflexão. Essas características são alteradas e os autistas produzem uma linguagem inexpressiva, atonal e desprovida de emoções (HIRSH, apud LEBOYER, 1995, p. 16).

Seguindo na descrição sobre a necessidade de imutabilidade, Leboyer (1995) afirma que ela pode ser traduzida como necessidade obsessiva de imutabilidade, pois, para Kanner, essa frase foi largamente utilizada. Nesse contexto, estão incluídos comportamentos descritos pela autora como fixados, estereotipados e repetitivos. Leboyer menciona que os autistas se manifestam por uma resistência marcada à mínima mudança no ambiente, não aceitam facilmente a mudança de rotina. Desse modo, quando se promove alterações nessa rotina, pode-se provocar reações explosivas no autista, contudo, é difícil prever quais alterações ocasionarão tais comportamentos.

Outra tendência citada pela autora é que os autistas podem ser mecânicos, repetitivos e desprovidos de criatividade e da imaginação, algo que para uma criança que não apresenta esse transtorno faz parte intensa de seu desenvolvimento na infância. Crianças autistas, como mencionadas na obra, fazem coleções de carrinhos, botões, por exemplo, e enfileiram e alinham

sem cessar esses objetos. Também são apegados a um objeto particular, que carregam e também guardam o tempo todo. No entanto, para a autora:

> Diremos que isso é verdadeiro para todas as crianças, mas no caso dos autistas, os objetos não são utilizados por sua função ou seu valor simbólico: a criança os cheira, leva-os à boca ou os faz rolar. Tipicamente eles são fascinados por coisas em movimento, em particular por aqueles que giram. Eles podem contemplar os ventiladores, as rodas de carro ou os pêndulos durante horas (LEBOYER, 1995, p. 20).

Assim, para Leboyer (1995), autistas são pessoas que possuem movimentos estereotipados, como girar as mãos ou até mesmo o ato de bater uma mão contra a outa. Esses movimentos podem se associar para realização de uma sequência de gestos complicados e por vezes repetidos ao longo do dia.

Acrescentando ao já exposto, a autora menciona a idade de surgimento dos sintomas, como também outros sintomas mais intensos. Segundo ela, Kanner havia sugerido o caráter inato do autismo desde sua primeira publicação, em 1943, e que tal síndrome poderia aparecer mais tarde, após um desenvolvimento aparentemente normal no primeiro ou no segundo ano de vida. O limite foi fixado então aos 30 meses (LEBOYER, 1995).

Contudo, para a autora, é difícil situar com exatidão a idade em que o autismo surge, pois os pais geralmente percebem os distúrbios quando tomam consciência de que seu filho não atingiu um determinado estágio de desenvolvimento, como a aquisição da linguagem ou a socialização. Leboyer relata que os sinais surgem desde o nascimento e que os pais notam que a criança apresenta um “comportamento estranho”, pois ela raramente chora, não tem necessidade de estimulações, nem de companhia. Essas crianças são descritas como “crianças fáceis de lidar”. Leboyer afirma ainda que, por outro lado, os sintomas clínicos precoces se atenuam ou desaparecem com mais frequência depois da idade de cinco anos, fazendo com que o diagnóstico se torne de autismo residual. Desta forma, a evolução da sintomatologia autística durante o desenvolvimento da criança é mais perceptível até o quinto ano de vida, como se observa no Quadro 12, baseado em Ornitz e adaptado por Mello (2019), refletindo sobre a obra de Leboyer (1995).

Quadro 12 - Evolução autística durante os cinco primeiros anos da criança por Ornitz (1983) citado por Leboyer (1995).

Recém-nascido • **Parece diferente dos outros bebês;** • **Parece não precisar de sua mãe;** • **Raramente chora; (um bebê comportado)** • **Às vezes muito reativo aos elementos e irritável**
Os seis primeiros meses • **Não pede nada, não nota sua mãe;** • **Sorriso, resmungos, resposta antecipada são ausentes ou retardados;** • **Falta de interesse por jogos, muito reativos ao som.**
De seis a doze meses • **Não afetuoso;** • **Não é social;** • **Ausência e comunicação verbal ou não-verbal;** • **Hipo ou hiper-reativo aos estímulos;** • **Aversão à alimentação sólida;** • **Etapas do desenvolvimento motor irregulares ou retardadas.**
O segundo e terceiro ano • **Indiferente aos contextos sociais;** • **Comunica mexendo a mão do adulto;** • **Alinha brinquedos, interesse único pelos brinquedos;** • **Intolerância a novidades;** • **Procura estimulação sensorial como ranger os dentes, arranhar superfícies, fixar detalhes visuais, olhar mãos em movimentos ou objetos com movimentos circulares;** • **Andar nas pontas dos pés, bater palmas, balançar a cabeça, girar em torno de si mesmo.**
Quarto e quinto anos de vida **Ausência do contato visual;** **Jogos: ausência de fantasia, falta de imaginação;** **Linguagem limitada ou ausente – ecolalia – inversão pronominal;** **Anomalias do ritmo do discurso, do tom e das inflexões;** **Resistência às mudanças no ambiente e nas rotinas.**

Fonte: Mello (2019).

Na busca de outros sinais, Ornitz e Ritvo (1976), citados por Leboyer (1995), tentam descrever o autismo com parâmetros mais objetivos, em particular as respostas que perturbam

os estímulos sensoriais e os distúrbios do desenvolvimento, que são completamente imprevisíveis, pois os autistas podem apresentar uma hiper ou hipoatividade a estímulos diferentes, assim, apresentarão um déficit sensorial. Podemos citar como exemplo a ausência de estímulos sonoros ou a sensibilidade exagerada que os leva a proteger os ouvidos com as mãos e o ranger dos dentes, como forma de se regular sensorialmente. É possível observar, segundo a autora, que muitos autistas, por vezes, são suspeitos de surdez ou cegueira, mesmo que não apresentem nenhum déficit primário para essas percepções, pois ocorre ausência de respostas aos estímulos sonoros e visuais.

Todos os sinais mencionados por Leboyer (1995) contemplam, também, a gigantesca fascinação dos autistas pelos movimentos giratórios, geralmente concentrada em objetos que rodam. Isso acontece por uma estimulação proprioceptiva e vestibular. A autora finaliza a lista dos sintomas mencionando que é clássico entre os autistas a preferência pelo tato, olfato ou paladar, sendo essas percepções proximais vistas como uma forma sensorial perturbada.

Na obra também são citadas as anomalias que a maioria dos pacientes tem no que se refere à motricidade, pois os autistas frequentemente andam nas pontas dos pés e apresentam movimentos que envolvem o balanço do corpo e mãos e podem, por vezes, bater a cabeça e apresentar comportamentos automutiladores, como arrancar os cabelos, se bater, se morder, devido aos episódios de imutabilidade.

Segundo Kanner (1943), citado por Leboyer (1995), os autistas possuem uma inteligência normal e seu QI baixo é consequência das dificuldades de relações sociais. No entanto, tal hipótese não se confirma, segundo a autora, por algumas razões, a saber: a classificação do QI (não verbal) nos pacientes é muito dispersa; 40% deles têm um QI abaixo de 50 e somente 30% têm QI acima de 70%; mesmo o autista fazendo acompanhamento a longo prazo, o QI permanece bastante estável; as crianças que apresentam um QI inferior a 70% possuem um prognóstico pior, sendo pouco provável que venham a aprender a falar, que sigam ordens de comando e que trabalhem.

Em outra perspectiva, segundo a autora, aqueles que superam os 70% a longo prazo, com os devidos encaminhamentos, apresentam progressos intelectuais e têm uma interação social melhor (BARTAK; RUTTER, 1976 *apud* LEBOYER, 1995, p. 35). Os estudos a longo prazo demostram que:

> Um terço dos autistas ficarão totalmente mudos ou dependentes, um outro terço terá uma linguagem reduzida e uma autonomia parcial. Então aproximadamente 75% dos autistas serão classificados como retardados mentais durante toda sua vida. Em suma, apenas uma pequena minoria dos autistas serão capazes de levar na idade adulta, uma

> vida social independente e exercer uma profissão (BARTAK; RUTTER, 1976 apud LEBOYER, 1995, p. 35).

No entanto, para Leboyer (1995), por mais que apresentem os melhores prognósticos, os autistas guardarão para sempre uma personalidade residual anormal e também apresentarão distúrbios cognitivos. Ao analisar os fundamentos teóricos expostos nesta obra, reflito sobre a grande complexidade demostrada na evolução dos estudos sobre distúrbios do autismo, pois um autista nunca será igual ao outro e não apresentarão o mesmo quadro em razão dos diferentes graus de sua síndrome:

> Alguns autistas tem uma memória fotográfica notável, são capazes de fazer cálculo mental numa velocidade prodigiosa ou ainda tem uma memória musical excepcional; heterogeneidade devida à associação do autismo à deficiência mental ou a outras doenças orgânicas ou espasmos infantis; enfim heterogeneidade do prognóstico (LEBOYER, 1995, p. 32).

Na sequência desta síntese analítica da obra de Leboyer, elaborei o Quadro 13, usando os indicadores de fundamentos de teoria sobre o autismo, extraindo o que foi desvelado no texto dessa autora.

Quadro 13 - Indicadores de fundamentos de uma teoria sobre autismo, na obra Autismo infantil, de Marion Leboyer (1995), à luz do quadro de Mello (2019), adaptado de Lima (2017).

Indicadores de fundamentos de uma teoria	Trechos encontrados na obra
Conceito	• Autismo é um distúrbio de desenvolvimento, intitulado em 1943 por Leo Kanner como “Distúrbio autístico do contato afetivo”. (p. 09)
Características	• Distúrbio inato como sintoma fundamental “o isolamento autísticos” (p. 12) • Limite fixado aos 30 meses para descoberta. (p. 19) • Ausência de uma atitude de antecipação da criança. (p. 15) • Inaptidão das crianças em estabelecer relações normais com pessoas e reagir normalmente desde o início da infância. (p. 17) • Incapacidade de desenvolver um relacionamento social. (p. 17) • Estereotipias e movimentos repetitivos. (p. 122) • Falta de reação aos estímulos. (p. 23) • Anomalias motoras. (p. 25) • Atraso cognitivo, QI abaixo da média. (p. 26) • Afeto inadequado, humor imprevisível. (p. 27) • Ausência do perigo. (p. 27) • Autistas apresentam distúrbio do sono e da alimentação. (p. 30)

Quadro 13: Indicadores de fundamentos... Continuação...

Indicadores de fundamentos de uma teoria	Trechos encontrados na obra
Diagnóstico	• Escala de diagnóstico preenchida pelos pais. (p. 12) • Teste com critérios próprios do desenvolvimento da primeira infância. (p. 14) • Limite fixado aos 30 meses. (p. 19) • DSM-3 (Manual diagnóstico de distúrbios mentais), como sistema de classificação multifatorial. (p. 22) • A falta de não atingir o estágios do desenvolvimento infantil. (p. 25)
Intervenção e Tratamento	• Não encontrados
Práticas Psicopedagógicas	• Não encontrados

Fonte: Mello (2019)

Neste sentido, pensando sobre as contribuições desta obra para auxiliar ou elucidar as fronteiras difusas sobre o autismo, percebi que, mesmo depois de trinta anos de pesquisa sobre o tema, não fica claro nela todos os fundamentos teóricos próprios de uma teoria para justificar ou mensurar os comportamentos autísticos. Para a autora, o autismo é ainda uma síndrome atualmente definida por um conjunto de sintomas heterogêneos, porém, ainda hoje, é o modelo proposto por Kanner que sobressai entre outros conceitos da psiquiatria infantil:

> O quadro do autismo é dominado pela impossibilidade de perceber o significado abstrato de um estímulo e a capacidade de estruturar a experiência ou de extrair uma regra tanto nos domínios verbais como não verbais. Tais deficiências "primárias" explicariam a incapacidade de autistas em reconhecer o afeto, em aprender o sentido da linguagem, em comunicar e também os privam de viverem uma vida social norma (LEBOYER, 1995, p. 168).

Assim, na perspectiva de desenvolvimento em psiquiatria, o autismo deve ser concebido no quadro de uma psiquiatria do desenvolvimento, mencionando que tal síndrome pode sugerir a existência de "um espectro do autismo" percorrendo um conjunto de distúrbios. Desse modo, as perspectivas de desenvolvimento constituem uma ligação entre o determinismo genético e ambiental e o autismo como uma perturbação do distúrbio do desenvolvimento do sistema nervoso central.

Na análise da obra "Autismo infantil" de Marion Leboyer, concluo que esta serve para iluminar com alguns fundamentos teóricos o caminho sobre autismo, seu diagnóstico e também

auxiliam na percepção de características em quem possui esse transtorno. Assim com tais informações sobre o autismo, seguimos o foco na investigação, descrição, classificação e enquadramento do autismo em outros autores e obras.

2.1.2 Dialogando com o autor: Gustavo Teixeira – Obra selecionada: Manual do Autismo (2017)

Esta obra caracteriza-se por ser um guia para pais que receberam o diagnóstico de que seu filho é autista. Foi escolhida por ser de fácil leitura e na qual os pais encontram conselhos médicos e de educadores considerados conceituados no Brasil sobre diversas questões relacionadas ao autismo.

Escrita por Dr. Gustavo Teixeira, que estudou nos Estados Unidos, graduou-se pelo *South High School*, em Denver, Colorado, e é Mestre em Educação pela *Framingham State University*, Massachusetts. Gustavo também é membro da *American Academy of Child and Adolescent Psychiatry* e, nos últimos anos, vem apresentando *workshops* e palestras em escolas nacionais e internacionais, com conteúdos para orientar pais e professores sobre as principais condições comportamentais que afetam a criança com autismo no ambiente escolar. Gustavo Teixeira é autor também de "O reizinho da Casa" (2014), "Desatentos e Hiperativos" (2011).

Para a pesquisa desta dissertação a obra selecionada traz ferramentas que oportunizam aos leitores a compreensão da necessidade de um ambiente estimulante e acolhedor para as crianças e suas famílias após receberem o diagnóstico com o Transtorno do Espectro Autista. O autor menciona que a obra é essencial para pais, professores e qualquer profissional que tenha algum envolvimento com crianças autistas.

Esta obra tratar-se de um livro de simples entendimento para quem é leigo no assunto e menciona que ela traz informações extremamente atualizadas e de grande utilidade, pois torna esse assunto tão complexo em uma prazerosa leitura. É uma linguagem de simples leitura e utilizando-se de exemplos clínicos, o Dr. Teixeira transforma um problema extremamente complexo em um assunto de fácil compreensão para as famílias dos autistas .

Teixeira (2017) descreve sua vivência com crianças diagnosticadas com o transtorno do espectro autista e seus familiares. Possui mais de vinte anos de experiência na área de transtorno do desenvolvimento, estudou nos Estados Unidos. Para Teixeira, sua obra é importante no momento do diagnóstico tendo em vista que:

> É um momento de muita ansiedade e expectativa sobre o que está por vir e sobre o que fazer de melhor para os filhos ficarem bem. Nesse momento, informações de qualidade baseadas em evidências científicas sobre o motivo do diagnóstico, as causas do transtorno e, principalmente, o que fazer para ter sucesso no tratamento são o começo de tudo. Esse manual é extremamente relevante para os pais e para diversos profissionais, pois traz informações essenciais para os familiares dos indivíduos que receberam o diagnóstico (TEIXEIRA, 2017, p. 19).

Nesta obra, o transtorno do espectro autista é visto como uma síndrome de início precoce, que tem por características alterações marcantes no desenvolvimento da linguagem e da interação social. O autor afirma que também há forte presença de comportamentos estereotipados e repetitivos, alterações sensoriais e interesses restritos. Desta forma, essas são caraterísticas essenciais para que ocorra o diagnóstico e o mesmo afirma que tais sintomas são presentes em todos os indivíduos com o transtorno.

Para Teixeira (2017), apesar de todos os diagnósticos se fundamentarem em algum tipo de sintoma, o quadro clínico de um autista apresenta níveis de severidade distintos, que variam de pessoa para pessoa. O termo "espectro" se caracteriza tendo em vista que indivíduos com o mesmo diagnóstico podem apresentar manifestações clínicas muito diferentes. "É evidente que os pacientes que se apresentam com sintomas mais leves são os mais difíceis de serem diagnosticados, pois seu desenvolvimento é mais próximo do esperado" (TEIXEIRA, 2017, p. 21).

Dependendo do nível global de funcionamento, os autistas apresentam dificuldades marcantes em criar independência na rotina cotidiana, em fazer novas amizades e, também, aprender novos conceitos, já que:

> O transtorno se inicia precocemente (é muito comum a presença de sintomas no primeiro ano de vida) e costuma persistir ao longo da vida do indivíduo. Desde a década de 1970 ninguém duvida que a causa seja inata e decorrente de fatores orgânicos. Essa certeza se dá por conta da alta concordância do transtorno entre gêmeos com a mesma carga genética (homozigóticos), de alta prevalência de epilepsia e do frequente comprometimento do nível intelectual dos indivíduos (TEIXEIRA, 2017, p. 22).

Deste modo, Teixeira (2017) ressalta que ainda não há uma causa clara para o transtorno, porém, muitas são as teorias aventadas como fator etiológico. Inicialmente, o autor julga necessário mencionar uma classificação, considerada por ele como atual, do autismo, sua nomenclatura e classificação, que passaram por diversas reformulações desde 1980, quando a condição foi oficialmente reconhecida como um diagnóstico pela terceira edição médica do *Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais – DSM-3*, publicado pela Associação Americana de Psiquiatria. Conforme o autor:

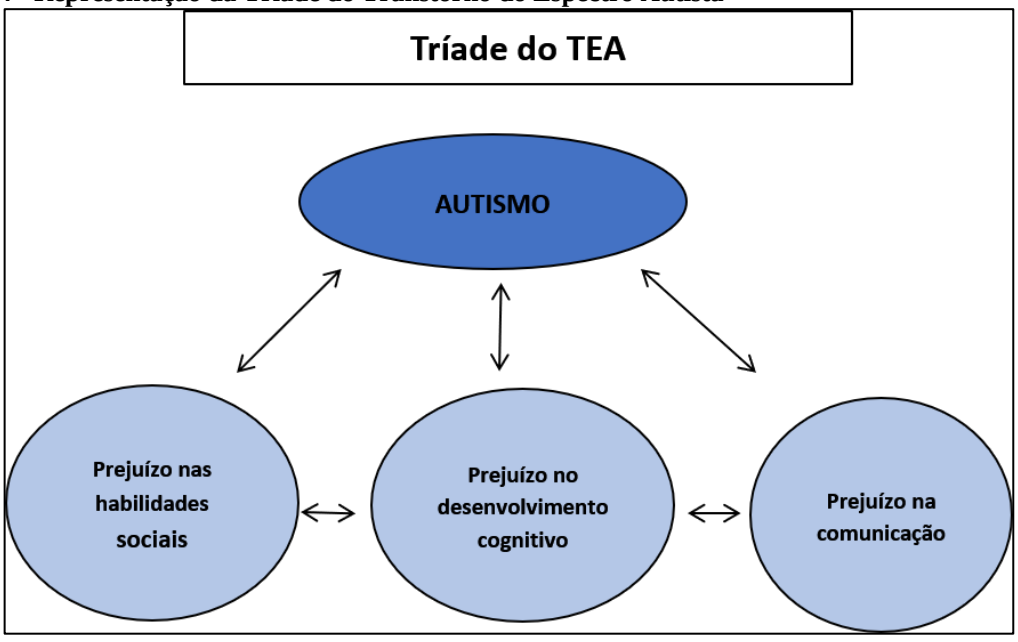
> Atualmente, o termo “autismo” é oficialmente preterido em favor do termo “transtorno do espectro autista”. A nova classificação descrita no *DSM-5*, última publicação da Associação Americana de Psiquiatria, uniformiza o diagnóstico, pois cada caso envolve uma miscelânea de sintomas e manifestações muito diferentes e distintos uns dos outros, mas com características básicas comuns que os tornam a mesma patologia dentro de um espectro que vai de quadros mais leves a mais graves (TEIXEIRA, 2017 p. 25).

Em “Manual do Autismo”, o autor cita, assim como vários autores o fazem, que o autismo foi inicialmente descrito pelo médico pesquisador Léo Kanner, psiquiatra austríaco, em 1943, quando este

> [...] publicou um artigo científico com relato de 11 crianças que apresentavam três características comuns entre si que tornavam seu comportamento muito diferente. Havia desinteresse e inabilidade de se relacionar com outras pessoas, um desenvolvimento peculiar na linguagem verbal, marcada pela ecolalia, presença de estereotipias e inversão pronominal (TEIXEIRA, 2017, p. 26).

Completando o exposto, Teixeira ressalta que o transtorno do espectro autista pode ser definido com um conjunto de condições comportamentais que caracterizam prejuízos no desenvolvimento das habilidades sociais, da comunicação e também da cognição da criança. É importante destacar que, para o autor, a análise do autismo é feita sob a ótica de três pilares, que formam um conjunto de sérios prejuízos, conhecidos como “tríade de Wing”, presentes nas pessoas com autismo. Para melhor visualizar essa tríade, criei o Quadro 14 para compreensão de tal conjunto.

Quadro 14 - Representação da Tríade do Transtorno do Espectro Autista



Fonte: Mello (2019).

Nesta obra é abordada a Teoria da Mente, pois a área mais afetada no autismo é a socialização, sendo vista, portanto, como a área de maior dificuldade, pois, neste caso, o autista não consegue se colocar no lugar do outro, não compreende desejos e pensamentos distintos, assim como apresenta grandes dificuldades em compreender as emoções e o comportamento de outros indivíduos (MELLO, 2019; TEIXEIRA, 2017).

Desta forma, com tal dificuldade em relacionar-se, tem-se a impressão de que a criança não é sociável e que se encontra fechada em seu mundo. Nesse sentido, pode-se dizer que fica mais clara a compreensão de que crianças com autismo são incapazes de compreender emoções e comportamento dos indivíduos, mas, vale salientar que cada ser humano é único, portanto, cada criança com TEA terá seu comportamento diferenciado. Desse modo:

> Apesar de toda dificuldade por ela apresentada, muitas delas podem aprender a falar e compreender pequenas frases, gestos e situações simples e também seguir uma vida aparentemente normal, enquanto outras podem apresentar falas rebuscadas, estereotipias verbais, repetições automáticas, e também sons pronunciados pela criança de uma fora mecânica e sem nenhuma finalidade linguística (TEIXEIRA, 2017, p. 30).

Teixeira (2017) também afirma que tudo depende da gravidade do autismo, pois todos os prejuízos apresentados pela criança com TEA podem ser variáveis, apresentando-se desde quadros mais leves até casos mais severos, completando os expostos sobre a Tríade de Wing.

Em pesquisa realizada nos Estados Unidos, na Europa e na Ásia, os transtornos do espectro autista apresentam incidência de 1% das crianças e adolescentes do mundo (TEIXEIRA, 2017). O autor ressalta que isso representa mais de seiscentas mil crianças e adolescentes com TEA no mundo. Além disso:

> Outro dado epidemiológico importante é que a ocorrência de autismo é muito maior no sexo masculino, afetando cerca de quatro meninos para cada menina acometida. Sendo assim, estima-se que ocorra um acaso de autismo para 42 nascimentos de meninos, enquanto que para cada grupo de 189 meninas. Casos de autismo em meninas costumam ser mais graves, comprometedores e incapacitantes quando comparados aos casos no sexo masculino (TEIXEIRA, 2017, p. 36).

Ao observar tal quadro registrado pelo autor, percebe-se que o transtorno do espectro autista delineia um problema na saúde pública que deve ser enfrentado com o compromisso e participação de toda a sociedade. Somente desse modo será possível desenvolver estratégias e políticas públicas na área da educação e da saúde para que essas crianças com autismo sejam incluídas nos processos educativos formais e não formais.

Neste panorama de percepção sobre o autismo, o mesmo surge como uma condição que pode ocorrer em todos os grupos econômicos, raciais e étnicos, sendo que não há ainda uma

causa definidora para o TEA. Entretanto, Teixeira (2017) apresenta fatores que podem ser de risco para favorecer o desenvolvimento dessas condições, incluídos aos fatores ambientais e genéticos.

Teixeira menciona os autores como Gillberg (1990) que, nessas tais condições, incluem a genética. Conforme Teixeira, estudos científicos apontam a genética como intimamente ligada ao autismo. Desse modo, pais que tenham um filho com esse transtorno têm chances de aproximadamente 10% de um próximo filho apresente a mesma condição comportamental. Nesta esfera, hipóteses mostram que crianças com doenças de origem genética, como por exemplo, X frágil e Síndrome de Down apresentam maiores chances de desenvolver autismo.

Para o autor, outra causa também mencionada para o autismo seriam os "[...] insultos ao cérebro em desenvolvimento durante o período gestacional". Esses "insultos" podem ser provocados por doenças congênitas como meningite, uso de drogas, má nutrição gestacional e rubéola, entre outros. Conforme Teixeira (2017), esses fatores poderiam produzir alterações estruturais, imunológicos e bioquímicos, ao ponto de desencadear um comportamento autístico. Seguindo o questionamento sobre as causas e possíveis fatores para o risco do transtorno do espectro autista, é destacado o maior estudo, segundo o autor, sobre o desenvolvimento precoce do TEA, denominado SEED – *Study to Explore Early Development* (Estudo para Explorar o Desenvolvimento Precoce), que tem por finalidade identificar os principais fatores de risco relacionados ao desenvolvimento do autismo, o qual auxiliará a compreender as causas e desenvolver prevenção e tratamento mais adequado para o transtorno do espectro autista.

Para Teixeira (2017), porém, alguns fatores mencionados em relação à origem do autismo tiveram suas hipóteses descartadas: um deles foi o termo "mães geladeiras" que conforme se acreditava, as mães seriam as causadoras do autismo infantil. O termo refere-se às mães que, por algum momento, demostravam pouco ou nenhum afeto pela criança. Outro mito descartado sobre o autismo foi a vacinação: o médico inglês Andrew Wakefield, em 1997, criou a hipótese que seria esta uma das causas para o autismo. Porém, estudos científicos comprovaram diversos erros em seu artigo, sendo o mesmo desqualificado pela comunidade científica internacional e sua licença médica cassada. Apesar de ser desqualificada essa teoria, a ideia já havia sido disseminada e muitas mulheres se sentiam culpadas pelas condições de seus filhos.

Segundo Teixeira (2017), essa teoria foi retomada por outros pesquisadores, mas, até hoje, não houve para ela um embasamento científico. Embora esse mito tenha sido desfeito, muitas famílias ainda sentem-se culpadas pelo diagnóstico de seus filhos. Estas, geralmente não

conseguem compreender o que realmente é o autismo e isso leva à negação e ao luto pós-diagnóstico (TEIXEIRA, 2017, p. 40). Em suma, percebo que esse sentimento de culpa adentra até hoje à clínica na qual sou psicopedagoga e muitas vezes vejo-me na condição de auxiliar essas mães a eliminarem o sentimento de culpa de ter um filho com autismo.

Pensando uma forma de intervir de maneira precoce, há sinais de alerta que são característicos de uma criança que pode apresentar perfil autístico Dessa forma, Whitman (2015), citado por Teixeira (2017), entende que na medida em que o conhecimento científico sobre o desenvolvimento do autismo precoce aumenta, crianças estão sendo diagnosticadas em idades cada vez mais precoces. O mesmo autor situa que:

> Historicamente, um diagnóstico de autismo ocorre apenas em torno dos quatro anos ou por vezes até mais tarde, quando as crianças ingressam na escola. Portanto já há uma tendência, atualmente, para um parecer mais precoce, com muitas crianças sendo diagnosticadas aos dois ou três anos. Essa tendência ocorre porque os procedimentos melhoraram, os médicos estão mais informados sobre o assunto e as crianças são analisadas mais cedo. Em virtude da importância de se iniciar as intervenções o quanto antes, é fundamental diagnosticar o autismo no estágio mais prematuro possível (WHITMAN, 2015 apud TEIXEIRA, 2017, p. 40).

Deste modo, ainda é um desafio diagnosticar o autismo em idade precoce, pelo fato desse transtorno se apresentar de maneira peculiar e com diversas características, sendo difícil fechar um diagnóstico de autismo para bebês e crianças pequenas, pois as mesmas apresentam variabilidade considerável em seus padrões de desenvolvimento segundo (WHITMAN, 2015 apud TEIXEIRA, 2015).

De acordo com Teixeira (2017), infelizmente ainda há despreparo de profissionais para executarem o diagnóstico precoce. Menciona também relatos de mães que, ao identificarem comportamentos sugestivos de autismo nos filhos, levam suas dúvidas para pediatras. Alguns destes profissionais, no entanto, muitas vezes, acabam perdendo a oportunidade de iniciar uma intervenção precoce para o transtorno do espectro autista.

É importante salientar que não existe o “tempo da criança”. O que há são marcos evolutivos importantes para o desenvolvimento infantil que precisam ser conhecidos, respeitados e avaliados cuidadosamente, quando alterados. Neste caso, pais, familiares ou responsáveis por crianças precisam estar atentos aos sinais que caracterizam a possibilidade do TEA, pois a presença de alguns sintomas não significa exatamente que a criança tenha autismo, porém, são um sinal de alerta (TEIXEIRA, 2017).

Assim, Teixeira deixa evidente que o autismo é uma questão de saúde pública, visto que a incidência dessa condição comportamental apresenta índices numerosos. Sendo assim, é fundamental que os médicos pediatras também tenham conhecimento psicopatológico para

conduzir bem os casos de autismo que chegam aos seus consultórios e ambulatórios médicos. Como aponta Whitmann (2015), citado na obra de Teixeira:

> Apesar das dificuldades associadas com um diagnostico precoce, estudiosos e terapeutas tornam-se gradualmente conscientes do que muitos pais sabem ou suspeitam; que a vida e o comportamento iniciais das crianças pequenas que são diagnosticadas como autistas, com frequência são bastante diferentes daquelas crianças com desenvolvimento normal. Embora as autistas não nasçam com todos (ou talvez nenhum) os sintomas, eles com certeza começam a surgir desde cedo. Pais que não possuem outros filhos estão menos propensos a perceber a diferença precoce no desenvolvimento de seu bebê (WHITMAN, 2015 apud TEIXEIRA, 2017, p. 45).

Contudo, para Teixeira, basicamente existem duas formas de se obter as informações necessárias para uma avaliação diagnóstica do autismo. Uma é a observação direta de uma criança e a outra, por meio de entrevista com os responsáveis que a conhecem bem. Esses métodos podem ser avaliados durante o contato com a criança e para saber quais são as características de autismo que esta pode apresentar. No Quadro 15, apresentamos dados elaborados por Teixeira como sinais de alerta, voltados para as etapas do desenvolvimento e habilidades sociais com base nas escritas da obra em tela.

Quadro 15 - Sinais de alerta autísticos (extraídos de Teixeira, 2017)

Comportamento aos 6 meses de idade
• **Não tenta pegar objetos que estão próximos** • **Não demostra afeto pelos familiares** • **Não responde a sons emitidos nas proximidades** • **Não emite pequenas vocalizações**
Comportamento aos 9 meses
• **Não balbucia** • **Não reconhece o próprio nome** • **Não reconhece familiares** • **Não passa brinquedos de uma mão para outra** • **Não responde a tentativa de interação**
Comportamento aos 12 meses
• **Não faz contato visual** • **Não engatinha** • **Não emite palavras simples** • **Não aponta para objetos** • **Perdeu habilidades que já havia adquirido**

Quadro 15: Sinais... Continuação....

Comportamento aos 18 meses
• **Não fala ainda seis palavras** • **Não consegue expressar o que gostaria e sente** • **Ausência de aproximação espontânea** • **Não apresenta imitação**
Comportamento aos 2 anos de idade
• **Não consegue seguir instruções simples do dia adia** • **Não dá função para as brincadeiras e brinquedos** • **Não consegue formar frases com duas palavras**
Comportamento a partir de 3 anos de idade
• **Fala incompreensível ou precária** • **Não consegue compreender comandos simples** • **Não se interessa por brincar com outras crianças** • **Incapacidade de brincar de "faz de conta"** • **Não demostra emoções** • **Apresenta dificuldade de diferenciar o imaginário do real**

Fonte: Teixeira (2017), sintetizado por Mello (2019).

No entanto, para obter tal diagnóstico, a criança precisa, durante um processo minucioso, passar por algumas escalas padronizadas para o rastreamento do transtorno do espectro autista. Enfatiza o autor que exames por imagem, como ressonância nuclear magnética e a tomografia computadorizada, ou testes de sangue, não ajudam no diagnóstico e não devem ser realizados nestes casos (TEIXEIRA, 2015). Entretanto, para o autor, é

> [...] fundamental que durante a avaliação comportamental o médico deva fazer um rastreamento do desenvolvimento da criança, buscando identificar se ela esta apresentando as habilidades básicas referentes à fala, à linguagem corporal e ao comportamento social. Um atraso em qualquer dessas áreas pode ser sinal de um problema significativo em seu desenvolvimento (TEIXEIRA, 2015, p. 53).

Teixeira também menciona que normalmente os médicos mais indicados para essa avaliação são os psiquiatras especialistas na infância, ou neurologistas da infância ou, ainda, os neuropediatras. Porém, é importante que pediatras também compreendam e conheçam o transtorno do espectro autista para encaminharem as crianças a especialistas (TEIXEIRA, 2017).

Assim, na obra em questão, para auxiliar no processo diagnóstico, o autor apresenta algumas escalas de avaliação que identificarão o TEA precocemente. São elas: CARS – *Childhood Austism Rating Scale* (Escala de Avaliação do Autismo na Infância), M-CHAT – *Modified Checklist for Autism in Toddler* (Lista Modificada para Autismo em Crianças

Pequenas), ABS - *Autism Behavior Checklist* (Lista de Comportamento Autista), PEP-R – *Psychoeducational Profile Revised* (Perfil Psicoeducacional Revisado).

Completando o exposto, trago da obra analisada um olhar sobre a avaliação do diagnóstico do autismo que muito me fortaleceu a refletir sobre a importância de uma avaliação bem feita, a partir de um olhar diferenciado e com propriedade para um diagnóstico precoce. Entendo que todos os profissionais envolvidos no processo de avaliação diagnóstica precisam conhecer os instrumentos avaliativos e as multi características que uma criança com transtorno do espectro autista pode apresentar. Sob essa ótica, é possível criar um plano de intervenção e tratamento para o autismo, refletindo-se esse conhecimento em práticas psicopedagógicas consistentes.

O primeiro passo para o tratamento do autismo é a criação do Plano Individual de Tratamento (PIT). O PIT consiste em um projeto detalhado de tratamento que leva em consideração todas as necessidades individuais da criança com autismo (TEIXEIRA, 2015).

Ressalta, ainda, Teixeira (2017) o quanto é importante identificar as necessidades de cada criança com autismo para personalizar o PIT com o objetivo de explorar suas potencialidades, auxiliando-a na construção do conhecimento, tornando-a um cidadão apto a enfrentar as demandas do cotidiano. Fica claro na obra o quanto é importante o plano individual de tratamento e o plano individual de educação, o qual deve ser criado pela escola, pois também é no ambiente escolar que essa criança terá sua promoção de conhecimentos.

Do mesmo modo, para o autor, a decisão de uma escola regular ou especial fica a critério da família, porém, deve-se ponderar o grau de comprometimento da criança para entender suas possíveis evoluções, atrasos e limitações cognitivas. Sendo assim, além de uma avaliação detalhada e consistente sobre o TEA, é necessário levar em consideração os cinco fatores apresentados por Teixeira em sua obra: a individualização do tratamento, o atendimento personalizado, o atendimento interdisciplinar, a coordenação dos serviços e a defesa de direitos e orientação de pais e cuidadores (TEIXEIRA, 2017).

Desta forma, o tratamento do transtorno do espectro autista possui um ganho na sua "janela de oportunidades" para a intervenção. Sob essa ótica, as propostas para esse tratamento são melhores, pois apresentam fundamentos em uma intervenção sem colocar em risco a vida da criança em questão, oportunizando seu desenvolvimento integral.

Teixeira reflete no seu "Manual do autismo" (2017) que é necessário ter mais conhecimento sobre o transtorno do espectro autista e que profissionais da saúde, educação e a sociedade devem estar capacitados para observar os sinais de um atraso no desenvolvimento,

para atuarem em uma intervenção precoce. Em tal obra, foi possível observar que o autor apresenta um conceito sobre o autismo, bem como nos guia para uma forma de alerta e diagnóstico, respeitando as etapas do desenvolvimento infantil, apresentando-nos as principais características do marco do desenvolvimento.

Outro ponto importante desta obra foi o registro sobre as intervenções, pois são de relevada importância para o desenvolvimento da vida do autista. Nesse sentido:

> O tratamento para o transtorno do espectro autista é baseado em estudos científicos realizados há décadas em diversos centros de pesquisas acadêmicas dos Estados Unidos, Canadá e Europa. As intervenções conjuntas englobam psicoeducação, suporte e orientação aos pais, terapia comportamental, fonoaudiologia, treinamento de habilidades sociais, medicação, dentre outras modalidades ajudam na melhoria de vida da criança, proporcionando uma melhor adaptação ao meio em que ela vive (TEIXEIRA, 2015, p. 62).

Em suma, Teixeira discorre sobre um assunto bastante complexo, porém o faz de maneira clara e de fácil compreensão. Desta forma, percebo que a família, ao receber tal diagnóstico, poderá ler essa obra e compreender melhor a complexidade do transtorno. Isso porque o referido Manual apresenta uma base inicial da importância do tratamento, evitando maiores complicações no desenvolvimento da criança autista, oportunizando-lhe melhor qualidade de vida, ao ser acompanhada desde a infância.

No Quadro 16, os indicadores de uma teoria sobre autismo encontrados na obra de Teixeira (2017).

Quadro 16 - Indicadores de fundamentos de uma teoria sobre autismo – Manual do Autismo (2017) à luz do quadro de Mello (2019)

Indicadores de fundamentos de uma teoria	Trechos encontrados na obra
Conceito	• Autismo é oficialmente preferido em favor do termo “transtorno do espectro autista”. A nova classificação descrita no DSM-5. • Inicialmente descrito pelo médico Léo Kanner em 1943
Características	• Definido como um conjunto de condições comportamentais caracterizadas por prejuízos no desenvolvimento de habilidades sociais, da comunicação e cognição a criança. (p. 24) • A ocorrência de autismo é maior no sexo masculino, afetando cerca de quatro meninos para uma menina. (p. 26) • O transtorno se inicia precocemente sendo comum os sintomas aparecerem no primeiro ano de vida. (p. 19) • As crianças apresentam dificuldades em sue relacionamento e interação social que nos dá a impressão que a criança esta fechada em seu mundo particular e não consegue interagir com outra pessoa. (p. 28)

Quadro 16 – Indicadores... Continuação...

Indicadores de fundamentos de uma teoria	**Trechos encontrados na obra**
Diagnóstico	• DSM-5 (Manual diagnóstico de distúrbios mentais), como sistema de classificação multifatorial. (p. 50) • Avaliação diagnóstica clínica de forma minuciosa. (p.50) • Avaliação e entrevista com os pais sobre comportamento (p. 51) • Escalas de avaliação (CARS, M-CHAT, PEP-R e ABC) (p. 54)
Intervenção	• Para o tratamento: Plano individual de intervenção, sendo o primeiro passo para o tratamento. (p. 55) • Plano individual de educação, para a criança estar inserida dentro do contexto de aprendizagem e estimulação. (p. 57) • Orientação as famílias, oferecimento de material psicoeducativo, acolhimento e orientação aos pais e familiares é fundamental para o êxito no tratamento. (p. 63) • Medicação que possam auxiliar o tratamento do TEA. (p.63)
Práticas Psicopedagógicas	• Não encontrado

Fonte: Mello (2019), adaptado de Lima (2017).

2.1.3 Dialogando com a autora: Sílvia Ester Orrú – Obra selecionada: Aprendizes com Autismo (2016)

Graduada em Pedagogia, pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Mestre e Doutora em Educação, Sílvia Ester Orrú realizou seu Pós-doutoramento em Educação pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (Laped), da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Atualmente é professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e também coordena o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Aprendizagem e Inclusão.

A obra foi lançada pela autora devido a uma angústia geral, que toma proporção desmedida, por conta de uma crença. Ou seja, para a autora, há supervalorização do diagnóstico clínico para autismo e essa crença está inserida na sociedade e na escola. Por essa razão, quando o tema é autismo, evitam-se discussões e questionamentos. A obra em questão aborda a classificação, a rotulação que a criança passa a ter após o diagnóstico, não sendo mais a Ana, o Pedro ou o Marcos e sim o autista. Tristemente esse vem sendo o caso de inúmeras crianças, logo:

> Critérios fundamentados no déficit, na doença, naquilo que falta ao indivíduo são elementos que classificam, rotulam, estigmatizam e promovem a marginalização, de modo que a criança perde sua identidade, de modo que o quadro sintomático passa a se materializar na criança, ocultando sua identidade. Tristemente, essa tem sido a

> realidade presente dentro de muitas escolas brasileiras que se expropriam de sua realidade de promover a educação para toda turma com justificativas pautadas em critérios diagnósticos que anunciam quem é que não será capaz de acompanhar o ensino de conteúdos numa classe regular, sendo-lhe atribuído um lugar à parte, onde a segregação se faz presente (ORRÚ, 2016, p. 14).

Esta obra também tem o propósito de discutir consequências dessa supervalorização do diagnóstico, bem como apresentar caminhos diversos para aqueles que receberam o diagnóstico conseguirem se expressar e mostrar ao mundo que também são capazes de grandes realizações e dizer com sua própria voz como se sentem perante o próprio autismo.

Para a autora, compreender que a criança com autismo é um ser humano aprendente, faz uma significativa diferença no processo de ensinar e na qualidade das relações estabelecidas por meio de ações e diálogos, favorecendo os espaços de aprendizagem.

Orrú acrescenta que:

> Eixos de interesse são caminhos possíveis para todos os aprendentes, de maneira a trazer para os espaços de aprendizagem aquilo que da alegria em aprender, que desperta a curiosidade sem fim, que pode ser infinitamente mais útil para aquele que se constitui em aprendiz. Julgo que seja uma alternativa ao ensino de massificado, apostilado, aos conteúdos impostos pelas escolas que precisa repensar sua prática, que precisa pensar nas demandas de seus aprendizes e romper com as tradições de ensino fundamentadas em repetições, memorizações e na competitividade, na lógica de mercado, na mensuração do que não pode ser mensurável, pois o saber e a inteligência não se mensuram (ORRÚ, 2016, p. 16).

Na obra em tela, a autora apresenta, em um primeiro momento, a gênese do autismo segundo a literatura científica por ela pesquisada, concentrando-se no desenvolvimento do conceito de autismo como termo empregado pela psiquiatria. Este ermo, originado da palavra grega *autos* (por si mesmo) nomeia comportamentos humanos que "são reunidos ao redor de si mesmo" (ORRÚ, 2016). Para a autora, Léo Kanner (1943) foi quem primeiro apresentou o comportamento autístico. Tal comportamento assinalava estereotipias marcadas por gestos estranhos e também pela dificuldade em se relacionar com as pessoas. Kanner, segundo a autora, descreveu o caso de onze crianças que apresentavam tais caraterísticas pertinentes ao distúrbio de desenvolvimento, denominando de "Distúrbio autístico de contato afetivo", com a prevalência de comportamentos estereotipados, obsessividade e ecolalia - tendência de repetição de sons e palavras de modo mecanizado e inconsciente em relação aos seus significados e sentidos.

Kanner também descreveu como características desse grupo de crianças a incapacidade de estabelecer relações com as pessoas e a obsessão de manter o ambiente intacto, junto à tendência de repetir uma sequência limitada de atividades ritualizadas. Segundo ele, esse

alheamento aparece desde os primeiros anos de vida, mantendo-se um isolamento rígido e peculiar sobretudo em crianças que apresentam uma aparência agradável, além de algumas possuírem uma memória excepcional (ORRÚ, 2016).

Kanner foi, para Orrú (2016), o precursor da descoberta e da construção do conceito de autismo no século XX, considerando a necessidade de um diagnóstico diferenciado com pessoas com deficiência mental e afásicas. Sugeriu, a partir disso, que expectativas fossem estudadas por meio da bioquímica e, em 1973, segundo a autora, ponderou a Síndrome do Autismo como parte do quadro das psicoses infantis. Depois de Kanner, vários outros pesquisadores surgiram, registrando estudos e hipóteses sobre a origem da síndrome. Há também, na obra de Orrú, o levantamento de várias dúvidas e contestações sobre a origem do autismo, pois, para a autora, o cenário apresentado deixa diversas dúvidas sobre a origem do termo autismo. Dúvida ainda pertinente, pois diversos questionamentos continuam inquietando muitos estudiosos e pesquisadores em diversos países (ORRÚ, 2016).

Há estudos que concebem o autismo como decorrente de uma desorganização de personalidade no quadro de psicose. Nesse caso, conforme a autora, o autismo estaria relacionado às doenças causadas por transtornos psíquicos, segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-10). Em contrapartida, há estudos com uma visão de organicidade, entendendo que o autismo seja decorrente do Transtorno Global de Desenvolvimento das habilidades de comunicação verbal e não verbal e também da falta de atividade imaginativa (ORRÚ, 2016).

Levantando um questionamento sobre as dúvidas da origem sobre o autismo, Orrú, dentre outros pesquisadores, em uma perspectiva cronológica, faz um levantamento de conceituação ou definição de autismo que apresento no Quadro 17.

Quadro 17 - Definição de autismo apresentado por Orrú

Pesquisador	Ano	Conceito de Autismo
Rutter	1978	Fundamenta autismo em quatro critérios: 1) Atraso e desvio sociais não só como função de retardo mental; 2) Problemas de comunicação 3) Comportamentos incomuns, movimentos estereotipados 4) Início antes dos 30 meses de idade
Gilberg	1990	Síndrome do comportamental com etiologias múltiplas e curso de um distúrbio do desenvolvimento
Shopler	1992	Autismo é um distúrbio do desenvolvimento de nível complexo comportamental, com etiologias múltiplas e graus variados de severidade.
Oliver Sacks	1995	Autismo é uma ligação com a esquizofrenia, a pessoa vive em total isolamento e seus sintomas são precoces e surgem nos casos de esquizofrenia.

Quadro 17: Definição... Continuação...

Pesquisador	**Ano**	**Conceito de Autismo**
Azevedo	2009	Autismo é tido como um desvio do curso habitual do desenvolvimento devido a um "fracasso" na relação do bebê com a mãe, geralmente implicando a compreensão de que esta não cumpriu adequadamente a função de "maternagem".

Fonte: Mello (2019), sintetizado de Orrú (2016).

Sob esse cenário histórico, observa-se que há diversas vertentes sobre o autismo e seu conceito. Porém, até o presente, cabe-nos dizer que são várias as hipóteses sobre a origem do autismo e tais conceitos variam de acordo com o livro teórico de cada autor. Portanto, o entendimento definitivo sobre um conceito de autismo se encontra em construção devido à complexidade das controvérsias envolvidas a esse respeito, conforme destacado por Orrú (2016).

Para Orrú, em 1993, a Organização Mundial de Saúde (OMS) enquadrou, em sua décima versão do Código Internacional de Doenças (CID-10), o autismo como categoria "Transtorno Invasivo do Desenvolvimento", apresentando como características: anormalidades na interação social com dificuldade na reciprocidade, prejuízos no padrão de comunicação, interesse restrito em repertório e estereotipias, sob o código F84, este podendo variar em grau de extensão com base nos prejuízos severos ou incapacidade do desenvolvimento humano. O Brasil passou a adotar a versão CID-10 sobre autismo em 1996. Contudo, anteriormente a isso, em 1952, na versão DSM-1, com a "reação esquizofrênica tipo infantil" foi que o autismo apareceu pela primeira vez no DSM. O DSM – Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais, da Associação Psiquiátrica Americana (APA), tem se expandido em diversos países pelo sistema único de saúde, por indústrias farmacêuticas e núcleos de pesquisa (ORRÚ, 2016).

Registra, ainda, a autora que após a quinta edição do DSM, o autismo foi convertido na categoria "Transtorno do Espectro Autismo", independendo das suas diversas formas de se apresentar. Seu diagnóstico é efetuado somente com a observação dos comportamentos e a percepção do "espectro". Portanto, a nova nomenclatura passa ser "Transtorno do Espectro do Autismo" (DSM-5, 2013). Nesse documento, a referida nomenclatura normatiza que:

> Para o diagnóstico do autismo determina que devem ser preenchidos três dos critérios abaixo:
>
> 1)Déficits clinicamente significativos e persistentes na comunicação social e nas interações sociais, manifestadas de todas as maneiras seguintes:
> a)Déficits expressivos na comunicação verbal e não verbal usadas para interação social;

> b)Falta de reciprocidade social;
> c)Incapacidade de desenvolver e manter relacionamento de amizade apropriado para os níveis de desenvolvimento;
> 2)Padrões restritos ou repetitivos de comportamento, interesse em atividades, manifestados por pelo menos duas das maneiras abaixo:
> a)Comportamento motores ou verbais estereotipados;
> b)Excessiva adesão às rotinas e padrões ritualizados de comportamento;
> c)Interesses restritos, fixos e intensos.
> 3)Os sintomas devem estar presentes no início da infância, mas podendo não se manifestar completamente até que as demandas sociais excedam o limite de suas capacidades (DSM-5, 2013 *apud* ORRÚ, 2016, p. 35).

Por existirem diversos diagnósticos médicos de autismo, em abril de 2013 foi lançada pelo Ministério Publico de Saúde uma cartilha para auxiliar e conscientizar sobre o diagnóstico. Trata-se da Diretriz de atenção à reabilitação da pessoa com Transtorno do Espectro Autismo, sob o entendimento que seria mais acessível acompanhar os sintomas por uma tabela. Desse modo, os médicos do Sistema Único de Saúde (SUS) poderiam estar mais atentos aos sinais precoces que ocorrem antes dos três anos de idade. Esta cartilha teve por objetivo orientar, além dos médicos, toda uma equipe multiprofissional para os devidos cuidados com crianças que porventura fossem diagnosticadas com autismo.

Ainda hoje, como mencionado, não há cura para o autismo, embora muitos pesquisadores se dediquem e busquem uma explicação para esse espectro. Há diversas intervenções precoces e atendimentos terapêuticos e pedagógicos que até auxiliam e colaboram para uma melhora prognóstica do TEA. No Brasil, a incidência do autismo não é exata, porém, estima-se a existência de 2 milhões de casos diagnosticados de autismo, segundo o Projeto Autismo do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, da Escola Paulista de Medicina (Unifesp). Com a intenção de chamar atenção a esse assunto, a Organização das Nações Unidas (ONU), em 2008, instituiu o dia 02 de abril como o "Dia Mundial da Conscientização do Autismo". A referida data serve como um alerta e também como forma de incentivar a sociedade para a inclusão de pessoas com autismo (ORRÚ, 2016).

A autora, no que se refere ao desenvolvimento de uma criança que se encontra dentro do espectro autístico, afirma que algumas conseguem se desenvolver normalmente durante a primeira infância, chegando a adquirir uma linguagem funcional. Porém, com o passar do tempo, essa linguagem vai se perdendo progressivamente. Já no período de dois a cinco anos, a criança inicia o maior processo de mudança, demostrando indiferença ao meio que a cerca. Mas é na adolescência que acontecem os maiores prejuízos, pois, nessa fase, a probabilidade de conflitos pessoais e interpessoais aumenta. Também é comum que aconteçam crises de epilepsia, aumento de excitação e ansiedade. Orrú registra suas reflexões sobre essas etapas:

> As dificuldades existentes durante a infância se não forem bem trabalhadas e se os possíveis potenciais não forem canalizados e explorados, poderão dar sequência a uma série de complicações nesta fase, que costuma ser turbulenta para qualquer adolescente. É importante que pais e educadores se conscientizem de que a infância não é um período para pouco investimento em busca dos interesses e desenvolvimentos de habilidades dessa criança. Conter a crise de uma criança com autismo durante a infância é bem diferente do que contê-la quando já é um adolescente, pois ele já está mais forte e desenvolvido, estando mais resistente ao que deseja ou não fazer (ORRÚ, 2016, p. 37).

Complementando essa ideia, a autora defende, por mais que isso pareça difícil, as intervenções de habilidades sendo aplicadas na infância, pois elas tendem a permanecer como habilidades duradouras em razão dos processos de aprendizagem serem dialéticos, apresentando sentido e significados advindos das possibilidades das multivivências sociais que promovem a convivência relacional e dialógica com o grupo social (OORÚ, 2016).

Orrú (2016) ainda afirma que o contato com a realidade faz com que os autistas estejam preparados para além dos muros da segregação, a partir de suas características e singularidades, levando em conta sua totalidade e subjetividade.

Na perspectiva de um olhar ao adulto com autismo, Orrú (2016) defende os jovens e adultos com autismo. Tal posicionamento, em outras obras que abordam tal tema, é incomum, pois muito se fala e defende crianças com autismo, porém, há que lembrar que se tornarão adultas e isso tem sido relevante preocupação para as famílias. Se durante a infância crianças com autismo não forem potencializadas em suas habilidades, é muito provável que, ao chegarem na adolescência e fase adulta, estarão com grandes prejuízos em sua compreensão e adaptação de mundo ao outro, como ser humano e com a sociedade em geral, o que poderá dificultar ainda mais seus processos interativos (ORRÚ, 2016).

Atrelado a isso, ressalta-se que, quando criança, grande parte dos casos de diagnóstico com TEA parecem ser com grandes comprometimentos, mas reafirma-se o direito de descobrir o potencial a ser desenvolvido. Como destaca Orrú:

> É verdade que, curiosamente, a maioria das pessoas fala apenas de crianças autistas e nunca de adultos, como se de alguma maneira as crianças simplesmente sumissem da face do planeta. Mas embora possa haver de fato um quadro devastador aos 3 anos de idade, alguns jovens autistas, ao contrário das expectativas, podem conseguir desenvolver uma linguagem satisfatória, alcançar o mínimo de habilidades sociais e mesmo conquistas altamente intelectuais; podem se tornar seres humanos autônomos, aptos para uma vida pelo menos aparentemente completa e normal – mesmo se encobrindo uma singularidade autista persistente e até profunda (2016, p. 39).

Refletindo sobre essa ideia exposta pela autora, há casos em que jovens e adultos com autismo, mesmo apresentando um quadro sintomático comprometedor, apresentam boas

potencialidades em suas habilidades, resultado de escolhas feitas pela sua família e educadores/terapeutas, por meio de um olhar incentivador que observou possibilidades de uma trajetória singular e respeitosa ao indivíduo, preparando-o para uma possível vida em sociedade, mesmo com todas as suas limitações. Significa dizer que foi visto o seu potencial.

Neste sentido, as reflexões de Orrú sobre as concepções pedagógicas quanto a uma relação não excludente com autistas nos remete à reflexão sobre a concepção que devemos ter com nossos aprendizes, pois é a partir desse olhar que determinamos as ações pedagógicas e as construções que vão potencializá-lo em sua totalidade.

Assim, "Aprendizes com Autismo" se caracteriza como uma obra que expressa nitidamente a perspectiva de refletirmos sobre as ações pedagógicas também em espaços não escolares com autistas, oportunizando, em conjunto, um fazer diferente, na busca dos direitos dessa população.

A obra analisada abrange práticas homogêneas e hegemônicas com os autistas visando ações não excludentes na sociedade na luta pelo potencial das crianças. Creio que o desejo de todos que atuam na vida de um autista é o de ensinar e aprender com ele, assim, surge a necessidade cada vez maior de compreender muitas respostas que esse transtorno apresenta.

Portanto, parar finalizar, a autora reflete que:

> O caminho das práticas inovadoras e não excludentes não é o de focar nas inabilidades, nos déficits, naquilo que os alunos não sabem e não conseguem fazer, tampouco direcionar a expressão do ser. Distintamente, é olhar para o aprendiz e compreendê-lo como um sujeito que pode aprender e promover condições de manter uma relação social que possibilite fazer melhor do que esperamos e que seja então valorizado, evitando práticas reducionistas ao seu potencial (ORRÚ, 2016, p. 167).

Portanto, ao finalizar a leitura de Orrú e a análise de levantamento nessa obra sobre fundamentos teóricos a respeito do autismo, elaborei o Quadro 18.

Quadro 18 - Indicadores de fundamentos de uma teoria sobre autismo – Aprendizes com Autismo (2016), à luz do quadro de Mello (2019)

Indicadores de fundamentos da uma teoria	Trechos encontrados na obra
Conceito	• Autismo é um termo empregado para nomear comportamentos replicados a própria pessoa; • Descrito pelo médico Léo Kanner na década de 1940 o qual denominou "Distúrbios autísticos do contato afetivo", sendo ele precursor da descoberta e da construção do conceito de autismo no séc. XX (p. 13).

Quadro 18 – Indicadores... Continuação...

Indicadores de fundamentos da uma teoria	Trechos encontrados na obra
Características	• Grupo de características de crianças com a incapacidade de estabelecer relações com as pessoas, uma série de atrasos em relações n aquisição e no uso da linguagem certa e obsessão em manter o ambiente intacto junto à tendência de repetir uma sequência limitada de atividades ritualizadas. (p.15); • Alheamento à vida ao extremo desde os primeiros anos de vida; (p. 18); • Mantem isolamento rígido e peculiar (p. 18); • Apego à rotina, dificuldades nos relacionamentos e mutismo (p. 18); • Aparência agradável independente do transtorno. (p. 19).
Diagnóstico	• Citado pela primeira vez no DSM-1 (Manual diagnóstico de distúrbios mentais) em 1952, com indício da "reação esquizofrênica tipo infantil" (p. 23); • Em 1968 a APA (*American Psychological Association***)**, publicou a segunda edição do DSM, com alterações no nome para "esquizofrenia tipo infantil" (p. 23); • Criação da Cartilha em 2013 pelo Ministério da Saúde, (p. 24); • M-chat e Irdi como sinais de alerta investigativos (p. 25).
Intervenção	• Reflexões sobre ações pedagógicas por uma escola não excludente (p. 150). • Descobrir ideias para tornar essa criança autista um possível adulto autista com potencial (p. 152); • Promover eixo de interesse, promovendo ponte de aprendizado prazeroso dentro do contexto escolar (p. 167). • Ter um olhar sensível para o aprendiz com autismo com possibilidades de aprendizagem (p. 167).
Práticas Psicopedagógicas	• Não encontrado

Fonte: Mello (2019), adaptado de Lima (2017).

Frente ao encontrado na obra de Orrú, destaco a possibilidade de fazermos e termos um olhar diferente para a crianças que tão logo serão jovens e adultos, oportunizando que sejam capazes de qualificar de alguma forma os espaços por onde transitam. Mesmo que seja desafiador esse caminho, que não percamos o desejo de construir pontes para respeitar a singularidade e o respeito às diferenças de cada um.

2.1.4 Dialogando com o autor: Eugênio Cunha – Obra selecionada - Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família (2017)

A obra "Autismo e Inclusão" (2015) procura nos mostrar que não devemos desistir de ninguém e que é possível buscar soluções ou alternativas para que um autista possa viver cada vez melhor. Para o autor, os obstáculos existem, acontecem e não devemos discuti-los e sim contorná-los. Eugênio Cunha é Doutor em educação, psicopedagogo, jornalista, e professor, atuando na área com crianças com dificuldades de aprendizagem e autismo. Em sua obra, procura dissolver mitos e preconceitos que cercam crianças autistas, pois afirma que conhecer e identificar o autismo irá facilitar a construção de um currículo de atividades funcionais, bem

como auxiliar o desenvolvimento da criança e o conhecimento da escola, auxiliando também a família.

Como diz Facion (2015), citado por Cunha

> Mas o que é realmente autismo? Essa pergunta não é tão fácil de responder, pois não se conseguiu, até hoje, uma definição e uma delimitação consensual das termologias sobre ele. A multiplicidade das terminologias fenomenológicas e, respectivamente, seus sinônimos demostram a complexidade do problema e a diversidade dos princípios de esclarecimento existente até hoje (2015, p.19)

Na obra em questão, Cunha afirma que o Transtorno do Espectro Autista apresenta-se nos primeiros anos da vida do indivíduo. Afirma que tal causa ainda é desconhecida, mas menciona a possibilidade de grandes contribuições de fatores genéticos. Ressalta, também, que por ser uma síndrome tão complexa, pode haver diferentes diagnósticos médicos mencionando quadros comportamentais de formas distintas, sendo que muitos de seus sintomas ainda causam incertezas, o que acaba certamente dificultando um diagnóstico precoce. Tais afirmações vão além, quando o autor ressalva que grande parte da população ainda é leiga sobre o tema e tem alguns preconceitos quando se fala sobre o autismo.

Segundo Cunha, o termo foi já empregado em 1911 pelo psiquiatra austríaco Eugen Bleuer, quando o mesmo tentava descrever o retraimento interior e também a fuga da realidade em pacientes acometidos com esquizofrenia. Para ele, o autismo, que tem origem no grego *autós,* que significa “de si mesmo”, é compreendido como um conjunto de comportamentos: comprometimento na comunicação, dificuldade na interação social e atividades restrita-repetitiva (CUNHA, 2015).

Ainda, para Cunha, também Léo Kanner, em 1943, publicou as primeiras pesquisas relacionadas ao autismo, denominando-a de distúrbio austístico do contato afetivo. Tal denominação teve base na observação clínica de crianças que, por algum motivo, não se enquadravam nas classificações existentes na psiquiatria infantil. Dessa forma, Kanner definiu autismo como um transtorno que tem sua aparição nos dois primeiros anos de vida (CUNHA, 2015).

O autor registra, no entanto, que a classificação do Código Internacional de Doenças, em sua 10ª edição, considera o autismo como um Transtorno Invasivo de Desenvolvimento, o qual apresenta diferenciação pertencente a outros distúrbios com quadros autísticos, tendo um enfoque maior na Síndrome de Asperger:

> Diferente do autismo clássico principalmente por não ocorrer deficiência mental, atraso cognitivo e considerável prejuízo na linguagem. Apesar de não haver o

> retraimento peculiar austístico, a criança, entretanto, torna-se também solitária. Desenvolve interesses particulares em campos específicos, modos de pensamentos complexos, rígidos e impermeáveis a novas ideias (CUNHA, 2015, p. 21).

Crianças com diagnóstico de Asperger são consideradas autistas de auto funcionamento, bem como há quem diga que tal síndrome não deve fazer parte do autismo, por possuírem menos necessidades de acompanhamento e intervenções clínicas. Desta forma, então, o autismo, segundo a obra estudada, possui uma classificação denominada em autismo leve, moderado e severo. Cunha (2015) cita, ainda, que crianças Asperger normalmente possuem grandes aptidões, excelente memória para guardar números e datas, não apresentam problemas na fala ou atrasos cognitivos, porém apresentam perdas no que se refere a área socio-afetiva.

No entanto, quando se fala do transtorno autístico, Cunha (2015) também menciona os avanços das pesquisas que aproveitam a possibilidade do diagnóstico precoce, como mencionado, pois o autismo pode surgir nos primeiros meses de vida, porém, geralmente ele só começa a ser percebido por professores e familiares quando a criança é inserida no ambiente escolar, ou quando a família possui outras crianças com a mesma faixa etária, havendo, assim, comparação nas etapas do desenvolvimento.

A taxa média de prevalência do Transtorno do Espectro Autista em estudos epidemiológicos, segundo Cunha,

> Era de aproximadamente 15 casos para 10.000 indivíduos, com relatos de taxas que variavam de 2 a 20 casos por 10.000 indivíduos, de acordo com o DSM-IV-TR. Hoje sabe-se que essa taxa de prevalência cresceu bastante. Algumas pesquisas apontam um caso em cada 150 ou 100 nascimentos, sendo quatro a cinco vezes mais comuns o transtorno entre os meninos (CUNHA, 2015, p. 25).

O autor registra que as características manifestadas em crianças autistas sofrem variações, dependendo do nível no qual ela se encontra. Algumas apresentam dificuldades de comunicação verbal, outras demostram pouco ou nenhum contato visual, suas expressões faciais, postura e interação social são gravemente prejudicadas. Desta forma, em razão da combinação de comportamentos e comprometimentos, que se observa também em outros distúrbios, o autismo deixa de ser visto como um quadro específico, para ser considerado uma síndrome que abarca subtipos variados (CUNHA, 2015, p. 27).

Segundo Cavalcante e Rocha (2002), citados por Cunha, as qualidades sensórias do autista apresentam grandes fragmentações ou até mesmo um estado mais reduzido. Apresentam compulsões, movimentos repetitivos, uso de objetos de forma inapropriada, sendo desta forma que surgem as estereotipias.

Cunha orienta os leitores apresentando-lhes um quadro com padrões de comportamento autístico. Esses sintomas, quando percebidos precocemente, auxiliam a reconhecer o transtorno: retrair-se ou isolar-se de outras pessoas; não manter contato visual; apresenta resistência ao contato físico; não demostrar medo diante de perigos reais; não atende quando chamando pelo nome; apresenta difícil aceitação de rotina; pode apresentar hiperatividade física ou calma excessiva; apego ou manuseio não apropriado de objetos; movimentos circulares com o corpo; sensibilidade ao barulho; estereotipias e ecolalias (CUNHA, 2015).

Observa-se o quanto é necessária uma avaliação precisa para o transtorno, pois não podemos, de forma alguma, segundo afirma Cunha (2015), limitar o aprendizado do indivíduo. Desse modo, o autor assegura a importância de um olhar clínico na avaliação, como também um olhar atencioso do professor, pois, na escola, as crianças devem ser conduzidas com afeto ao aprendizado. A escola também se caracteriza como espaço onde o observar e o respeitar a individualidade de cada criança, especialmente daquelas diagnosticadas ou com suspeita de autismo, se faz imensamente importante.

Tendo em vista a importância do educador no desenvolvimento da criança autista, Cunha menciona que uma criança aprende por meio de brincadeira, seja com os pais, com os amigos e com o professor, na escola. Ao fazer amizades, ela adquire novas habilidades, motoras ou cognitivas, sempre havendo um grande ganho no seu desenvolvimento. A criança com autismo precisa aprender as funções dos objetos para fazer uso e manuseio adequado dos mesmos. Quando se trata de uma criança com o transtorno do espectro autismo, cabe à família e aos/as professores/as aproveitarem o fascínio da criança por objetos, ensinando-a a usá-los da forma correta, ampliando também o seu repertório de oportunidades (CUNHA, 2015).

Cunha destaca que o foco na educação deve estar no processo de aprendizagem e não somente nos resultados, pois nem sempre os resultados esperados pela família ou terapeutas acontecem de forma imediata. Completa o autor que, desta forma, a educação nas escolas inclusivas e os olhares dos professores e professoras devem independer do grau de severidade do transtorno que essa criança tem. O mais importante é favorecer a sociabilidade e a oportunidade de aprender, pois incluir é aprender e respeitar o outro na sua totalidade (CUNHA, 2015).

Deste modo, para Cunha, devemos levar em consideração o fato de o autista sentir-se confortável e confiar no professor ou professora que está lhe auxiliando na trajetória do conhecimento. Assim, cabe ao/à educador/a aprender a se relacionar com a realidade do mundo autístico. De acordo com o autor, para o aluno com autismo, o que importa não são

necessariamente as habilidades acadêmicas, mas sim sua aquisição de habilidades sociais e autonomia (CUNHA, 2015). Nas palavras desse autor, para

> [...] que a criança autista não se torne um adulto incapaz de realizar tarefas simples do seu dia a dia, precisa então aprender diversas atividades que a tornará mais independente durante seu crescimento. Tomar banho, escovar os dentes, vestir-se e fazer as refeições é o que toda criança precisa aprender. Entretanto podem existir atividades ou habilidades específicas, na família e na vida cotidiana, que poderiam ser treinadas na escola, fazendo parte de um currículo funcional e prático (CUNHA, 2015, p. 34).

Registra o autor que em todo processo de aprendizagem há diferentes formas de interpretação e elas são feitas por diferentes indivíduos. Para ele, o comportamento do indivíduo depende da forma como este percebe o mundo exterior, sendo que neste mundo há dois mecanismos elementares: a sensação e a percepção (CUNHA, 2015).

Afirma Cunha que a sensação é a forma imediata de registar os sentidos pelo cérebro e os autistas são influenciados pelas sensações. Já a percepção auxilia no desenvolvimento de abstrações, pensamentos e ideias, portanto esta possibilidade resulta em melhor aproveitamento quando se refere a propostas pedagógicas. Nesse sentido, Cunha (2015) destaca os seguintes aspectos: capacidade sensorial, capacidade espacial, capacidade de simbolizar, linguagem, hiperatividade, cognição, socialização e estereotipias.

Diante do exposto, a obra Autismo e Inclusão menciona o trabalho que deve ser realizado na escola e as ações que o autor julga importantes para construir os movimentos de aprendizados. Essas ações requerem um planejamento e uma parceria com profissionais especializados e a família do autista. Reitera, ainda, que os educadores e educadoras não se acomodem, que sejam eternos pesquisadores e se lancem ao desafio que é compreender e atuar inclusivamente com crianças autistas (CUNHA, 2015).

Ressaltamos, ainda, que o autor considera importante planejar as atividades de acordo com as aptidões, interesses e gostos dos autistas e que essas atividades devem ter caráter terapêutico, afetivo, social e pedagógico. A respeito desses itens, Cunha (2015) define:

> Terapêutico: superar os comportamentos inadequados provenientes do comportamento autístico e proporcionar maior qualidade de vida e independência. Afetivo: criar o vínculo com o processo de aprendizagem, com o professor e com o espaço escolar, pela mediação do interesse e do desejo, em atividades lúdicas e educativas. Social: proporcionar aos autistas experiências em grupos, por meio de momentos de aprendizagem em sala de aula comum e no convívio diário com os demais alunos, trabalhando a interação e a comunicação. Pedagógico: estabelecer atividades que observem a sua história pessoal, contemplando sua individualidade para o desenvolvimento de habilidades como aprendiz no espaço escolar (CUNHA, 2017, p. 55).

Nessa perspectiva, afirma o autor, a necessidade de que o aluno autista adquira autonomia. Caso isso não ocorra em seu desenvolvimento, é importante que ele permaneça sob cuidados e auxílio de um profissional capacitado ou um psicopedagogo(a), que suporte ao professor em sala de aula. O ambiente escolar é progressivo no estímulo de vivências quando é oportunizado de forma adequada à diversidade discente e educar nessa diversidade é um desafio para professores e professoras. Nas palavras de Cunha (2015):

> Se realmente quisermos construir com o nosso educando atraentes situações de aprendizagem, não caberá em nosso trabalho nenhum modelo pedagógico que não parta dele. Da mesma forma, a nossa formação deve obedecer rigorosamente a este princípio. Precisamos ser pessoas criativas, com habilidades e sensibilidade para transcendermos os problemas de aprendizagem e, de maneira multidisciplinar e interdisciplinar, formar cidadão para a vida (CUNHA, 2017, p. 55).

No que se refere a um currículo de intervenção e atividades funcionais para o autismo, Cunha assegura que a escola é um espaço de oportunidades enormes para que os profissionais e os familiares construam um repertório de ações inclusivas para aprender com o autismo, pois a autonomia é uma conquista elementar no seio da escola. Ao mencionar a autonomia, Cunha reflete sobre um currículo para a vida que auxilie com suas práticas, contemplando tarefas escolares e diárias, em que cada etapa seja superada com uma nova demanda. Segundo o olhar de Cunha (2015), ainda que o aluno não tenha se apropriado perfeitamente do que se espera dele, deve-se trabalhar constantemente a interação, a comunicação, a cognição e também os movimentos, favorecendo o desenvolvimento do aluno autista.

Para o autor, por meio da convivência no ambiente escolar e de um currículo que oportunize vivências de aspectos sociais, o aluno poderá descobrir que as pessoas ao seu redor são importantes, do mesmo modo são importantes os valores da amizade, do afeto, do carinho e do amor, das regras sociais que ajudam na memorização, o convívio com outras crianças, as rotinas diárias que auxiliarão em sua independência e autonomia e a importância de compartilhar sentimentos e interesses (CUNHA, 2017, p. 61).

Contudo, o autor registra que ainda não há consenso quanto às abordagens mais adequadas para o tratamento do transtorno do espectro autista e isso se deve à multiplicidade de fatores e sintomas que intervêm no desenvolvimento. Algumas intervenções podem, por vezes, apresentar eficiências nos tratamentos do autismo, como as técnicas TEACCH (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Distúrbios Correlatos da Comunicação). Outro método que se destaca na obra de Cunha é o ABA (Análise Aplicada do Comportamento) e o PECS (Sistema de Comunicação Mediante a Troca de Figuras), (CUNHA, 2015).

As propostas de intervenções indicadas pelo autor podem ser utilizadas constantemente na família e na escola, pois servem de articulação entre a criança e o contexto de aprendizagem. Cunha, na obra em questão, menciona que o modelo de educação que mais tem êxito é verdadeiramente aquele que se inicia pelo afeto de quem aprende e não pelo conceito de quem ensina.

Nessa direção, o autor aponta que a atuação do/a pedagogo/a com a família, ao começar ao trabalho, deve ser iniciada pelo diagnóstico e pela avaliação, compreendendo também a dinâmica do lar dessa criança. Desse modo, o tratamento e a intervenção devem ser conduzidos articuladamente por uma equipe multidisciplinar de profissionais com diferentes formações. Assim, assegura-se o bom desenvolvimento da criança autista. O termo "tratamento" mencionado por Cunha refere-se à intervenção terapêutica, com medicamento ou não, buscando o melhor para desenvolver as habilidades do indivíduo com vistas à superação de suas dificuldades. Entre estas reflexões, ressalta que

> A forma de ensinar é também a forma que se aprendeu nos bancos escolares durante os anos em que os docentes de hoje eram os discentes de ontem. Essa maneira de aprender e ensinar, que é transmitida de geração em geração, no entanto, não dá mais conta da diversidade de há nas salas de aula. É necessário o olhar o homem como um ser integral, na sua estrutura biológica, afetiva e social. Com efeito, não podemos educar sem atentarmos para o aluno na sua individualidade, no seu papel social na conquista da sua autonomia (CUNHA, 2017, p. 102).

Ao abordar sobre a contribuição da psicopedagogia em Autismo e Inclusão, o autor garante que a psicopedagogia não visa estabelecer conceitos teóricos, mas possibilita novas formas de ver a educação, em que se observa mais os movimentos do aluno diante da tarefa do que da tarefa em si (CUNHA, 2017, p. 104). O autor reafirma tal pensamento mencionando que não é uma simples aplicação da Psicologia à Pedagogia, porém, uma nova área de estudos que não se detém exclusivamente nas dificuldades de aprendizagem, porque propõe novas alternativas sobre ela.

Assim, por se tratar de uma área do conhecimento interdisciplinar e multidisciplinar, para Cunha (2017), a Psicopedagogia busca desvelar como acontecem os processos de aquisição dos saberes e entender as possíveis dificuldades que o aluno possa encontrar no decorrer deste processo. Desta maneira, é necessário que o/a psicopedagogo/a esteja consciente das diversas possibilidades educacionais do seu educando. Para isso, é indispensável que se escolham os meios eficazes que farão o currículo escolar coerente com a necessidade do aluno. Nesta consonância, Cunha assegura que:

> A psicopedagogia não trabalha sozinha. É pertinente uma equipe de profissionais focados não somente nos problemas de aprendizagem, mas também nas soluções, nos caminhos e alternativas que serão dados a essas pessoas com dificuldade. A educação para a aquisição de habilidades acadêmicas é também uma educação social, não sendo centrada somente no seu déficit, mas principalmente na sua singularidade como ser humano (CUNHA, 2017, p. 107).

As abordagens psicopedagógicas têm recebido grandes contribuições no que diz respeito aos processos de aprendizagem, nos aspectos psicossociais e também nas questões cognitivas do indivíduo. Para Cunha, é notório que o referencial teórico da Psicopedagogia aporta-se em distintas áreas multidisciplinares, as quais dão ênfase à capacidade cognitiva do aprendente no contexto escolar. A cognição é decorrente da ação motora, criativa, neurológica e dos aspectos afetivos do indivíduo, portanto, é um ato de conhecimento. O conhecimento não se constrói linearmente, mas segue, no entender de Cunha, por caminhos não ortodoxos, tecidos na complexidade, articulando cognição, motricidade, cultura, saberes e interações (CUNHA, 2015).

Ao finalizar sua obra, Cunha menciona que a escola é um lugar apropriado para qualquer aluno desenvolver suas habilidades e superar seus limites. Trata-se de um rico local, que permite o aprendizado por meio da interação e do interesse. O autor menciona Freire (1977), para quem não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio. Desta forma, a escola deve, com o auxílio de psicopedagogos/as educar para o desenvolvimento da autonomia do aprendente, abrangendo toda a complexidade que há na individualidade de cada um, pois a natureza humana é uma unidade complexa, ao mesmo tempo física, biológica, psíquica, cultural, social e histórica. E este, para Cunha (2015), deve ser o olhar de um/a psicopedagogo/a.

A partir da análise da obra citada, apresento no Quadro 19 os indicadores de fundamentos de uma teoria sobre autismo na perspectiva de Cunha (2015).

Quadro 19 - Indicadores de Fundamentos de uma Teoria Sobre Autismo – Autismo e Inclusão (2017)

Indicadores de fundamentos de uma teoria	Trechos encontrados na obra
Conceito	• E. Blauer em 1911 buscou descrever a fuga da realidade e o retraimento interior dos pacientes acometidos de esquizofrenia (p. 20) • O termo autismo origina-se do Grego *autós*, que significa de “si mesmo”. (p. 20); • Léo Kanner publicou as primeiras pesquisas relacionadas ao autismo em 1943. (p. 20); • Ele constatou uma nova síndrome na psiquiatria infantil, denominando-a de Distúrbio autísticos do contato afetivo. (p. 20);

Quadro 19: Indicadores... Continuação...

Indicadores de fundamentos de uma teoria	Trechos encontrados na obra
Conceito	• **É um conjunto de sintomas iniciados na infância, onde a capacidade para pensamentos abstratos, jogos imaginativos e simbolização fica severamente prejudicado. (p. 27)**
Características	• O transtorno do espectro autista se manifesta nos primeiros anos de vida, (p. 19); • Léo Kanner definiu que o autismo é um transtorno que se estrutura até os dois primeiros anos de vida. (p. 20); • Percebe-se na criança o uso insatisfatório de sinais sociais, emocionais e de comunicação, além da falta de reciprocidade. (p. 24); • A comunicação não verbal é bastante limitada. (p. 24); • A criança não aponta ou faz gestos que expressam seu pedido. (p. 24); • Não mantem contato visual. (p. 24); • Resiste ao contato físico. (p. 24); • Não aceita mudança de rotina. (p. 24); • Apego ou manuseio inapropriado de objetos. (p. 24);
Diagnóstico	• Trata-se de uma síndrome tão complexa que pode haver diagnósticos médicos abarcando quadros comportamentais diferentes, (p. 19);
Intervenção	• A criança precisa aprender a utilizar a função de cada objeto e seu manuseio adequado. (p. 32); • O professor ou professora deve aproveitar o próprio fascínio que os objetos exercem sobre ela e ensinar-lhe o uso de forma correta. (p. 32); • A sala de recursos precisa ser simples, sem muitos objetos para que não haja estímulos em demasia. (p. 33); • A construção de um currículo voltado para o aprendente autista e a avaliação para saber quais habilidades necessitam ser conquistadas. (p. 61); • Algumas intervenções comportamentais têm se mostrado eficiente no tratamento do autismo, como o método TEACCH, ABA e o PECS. (p.73); • O termo tratamento refere-se usualmente a terapia medicamentosa ou não, enquanto intervenção pode ser compreendida como a busca por um desenvolvimento melhor das habilidades do indivíduo com vista à superação de suas dificuldades. (p. 88);
Práticas Psicopedagógicas	• Acreditamos que o conceito das práticas psicopedagógicas podem ser aplicadas a alunos em distintos níveis de autismo, pois se baseio nos atributos afetivos do aprendente, para permitir sua autonomia. (p. 21); • O professor precisa primeiro aprender a se relacionar com a realidade do mundo austístico, nessa relação, quem aprende primeiro é o professor e quem vai ensinar-lhe e seu aluno. (p. 33); • A atribuição das práticas psicopedagógicas é de promover uma série de condições educativas e um preparo para a autonomia. (p. 34); • O quadro de autismo impõe que toda a avaliação psicopedagógica seja uma ação e uma pesquisa sobre o indivíduo, com pertinência a sua história biológica, familiar e social. (p. 52); • Enquanto o aluno com autismo não adquire a autonomia necessária, é importante que ele permaneça sob o auxílio de um profissional capacitado

	ou um psicopedagogo (a) para que de suporte ao professor de sala de aula. (p. 55);
Práticas pedagógicas	• A psicopedagogia não visa estabelecer conceitos teóricos, mas possibilita novas formas de ver a educação. (p. 104); • A psicopedagogia busca compreender os processos de aquisição do saber e entender as possíveis dificuldades que o aluno encontra nesse processo. (p. 105); • A psicopedagogia não trabalha sozinha. É pertinente a uma equipe de profissionais focados não somente nos problemas de aprendizagens, mas também nas soluções, nos caminhos e nas alternativas. (p. 107).

Fonte: Mello (2019), adaptado de Lima (2017).

3 REFLEXÕES DOS DIÁLOGOS SOBRE OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS ENCONTRADOS

Perante os estudos realizados com as quatro obras relacionadas cotejando os fundamentos teóricos sobre o autismo, compreendo que as fronteiras sobre o transtorno do espectro autista, por mais que ainda se busque a compressão sobre o tema, requerem ainda muitos estudos. **Por se tratar de uma síndrome tão complexa dentro de suas especificidades, compreendo o autismo como um transtorno neurológico que apresenta grandes prejuízos na interação social, comunicação e movimentos estereotipados associados de maneira marcante, com quadros neurológicos ligados a atrasos cognitivos.**

Ao analisar as obras que me auxiliaram nesta caminhada, observo que o transtorno do espectro autista já está sendo constituído em teoria como uma síndrome que deve ser vista com aceitação e singularidade, isto é, respeitando as características únicas e especiais, capazes de serem tratadas e desenvolvidas da melhor maneira possível. Percebo o quanto ainda se faz necessária e vital a informação sobre o autismo, pois o mesmo ainda é marcado por preconceitos e falta de informação. Mesmo sendo descrito pela ciência de formas distintas, para que se alcance maior compreensão do que temos hoje, as interfaces que neste estudo são propostas demandam mais informações sobre o que é o transtorno do espectro autista, seu conceito, diagnóstico, características, intervenções e práticas psicopedagógicas que respeitem as limitações e oportunizem as potencialidades do sujeito com autismo.

Foi possível observar, nas quatro obras selecionadas, que os indicadores de fundamentos de uma teoria sobre autismo nem sempre se fazem presentes totalmente nas obras disponíveis para venda, as quais deveriam ter por objetivo auxiliar o leitor a uma melhor compreensão do transtorno. Ao analisar minuciosa e individualmente cada um dos livros que compuseram esta dissertação e construir seus indicadores, ficou demonstrado que o autismo é uma síndrome complexa, que pode apresentar características únicas no indivíduo, e isso pode, muitas vezes, levar ou não a um diagnóstico preciso e precoce. Contudo, muitas lacunas nos seus fundamentos teóricos foram evidenciados.

Para melhor demostrar os resultados alcançados neste estudo por meio da análise das quatro obras sobre autismo, produzi o Quadro nº 20.

Quadro 20 - Indicadores de uma Teoria sobre autismo presentes nas quatro obras selecionadas, à luz do quadro de Lima, adaptado por Mello (2019)

	Obra: Autismo Fatos e Modelos Autora: Mario Leboyer (1995)	Obra: Manual do Autismo Autor: Gustavo Teixeira (2017)	Obra: Aprendizes Com autismo Autor: Ester Orrú (2016)	Obra: Autismo e Inclusão Autor: Eugênio Cunha (2017)
Conceito	**Presente na obra**	**Presente na obra**	**Presente na obra**	**Presente na obra**
Características	**Presente na obra**	**Presente na obra**	**Presente na obra**	**Presente na obra**
Diagnóstico	**Presente na obra**	**Presente na obra**	**Presente na obra**	**Presente na obra**
Intervenção	**Ausente na obra**	**Ausente na obra**	**Presente na obra**	**Presente na obra**
Práticas Psicopedagógicas	**Ausente na obra**	**Ausente na obra**	**Ausente na obra**	**Presente na obra**

Fonte: Elaborado por Mello (2019), adaptado de Lima (2017).

No Quadro 20 aponto o que foi encontrado nas obras escolhidas, que desvelam fundamentos teóricos sobre autismo. Realizando a análise dessas obras, pude encontrar alguns fundamentos que compõem uma teoria, porém fica claro o quanto cada obra traz de formas distintas a síndrome, o conceito, as intervenções necessárias para auxiliar uma criança com autismo e também a forma por meio da qual a família pode chegar a um diagnóstico. Já no que se refere às características, em todas as obras fica evidente a forma com que se pode perceber em uma criança os sinais do transtorno do espectro autista. Tais sinais podem demonstrar que a criança não se encontra dentro do esperado para sua idade no que se refere às etapas do desenvolvimento infantil.

Apenas em uma obra foi possível encontrar os elementos que completariam os fundamentos teóricos esperados: aqueles indicadores sobre práticas psicopedagógicas. Isso me faz refletir sobre o quanto ainda se faz necessário e importante à produção deste tipo de pesquisa. A psicopedagogia tem grandes contribuições para o desenvolvimento da criança com autismo, mas, ainda hoje, quando falamos do mundo autístico, reconhecemos as limitações e dificuldades que eles e sua família enfrentam na sociedade. Assim, a atuação do/a psicopedagogo/a possibilita novas formas de ver a educação e de oportunizar meios para o aprendizado do autista.

A partir da análise realizada, destaco a seguir alguns dos fundamentos teóricos que mais se destacam nas obras, a partir dos indicadores de teorias esperados: conceito, características, diagnóstico, intervenção e tratamento e práticas psicopedagógicas.

Quadro 21 - Análise final a partir dos fundamentos que mais se destacaram nas obras a partir dos indicadores das teorias

1. Conceito**: Descrito pelo médico Léo Kanner na década de 1940, o qual denominou "Distúrbios autísticos do contato afetivo", sendo ele precursor da descoberta e da construção do conceito de autismo no século 20.**
2. Características: **Um conjunto de condições comportamentais que apresentam prejuízos de habilidades sociais, da comunicação e da cognição da criança. É um transtorno que se inicia precocemente, sendo que seus primeiros sintomas podem aparecer por volta dos primeiros anos de vida, quando a criança faz uso insatisfatório de sinais sociais, emocionais e de comunicação, além da grande falta de reciprocidade.**
3. Diagnóstico: **São utilizados testes clínicos com critérios próprios, voltados para as etapas do desenvolvimento infantil. Também é utilizado o Manual diagnóstico de distúrbios mentais, como sistema de classificação da síndrome.**
4. Intervenção e tratamento: **Pouco encontrado nos quadros, refere-se usualmente a terapias, sejam elas medicamentosas ou não. A intervenção pode ser compreendida como a busca por um desenvolvimento melhor das habilidades do indivíduo com vistas à superação de suas dificuldades. O mesmo deve ser um plano individualizado, com mediação de um profissional qualificado, que possa auxiliar no tratamento do TEA.**
5. Práticas Psicopedagógicas: **Só encontrada em Cunha (2017). Significa promover condições educativas para um preparo à vida com autonomia. As práticas psicopedagógicas visam promover a aquisição do saber, independente do nível de autismo no qual o sujeito se encontra, bem como buscar compreender o processo de aquisição do saber e entender as possíveis dificuldades que o sujeito encontra neste processo e oportunizar meios para um aprendizado real e significativo.**

Fonte: Elaborado por Mello (2019).

Compreendo, desta maneira, o quanto é muito importante o trabalho realizado em conjunto entre famílias e profissionais, pois ambos devem ter claros os objetivos a serem alcançados com uma criança com autismo e, de todas as formas possíveis, oportunizar ações que as levem ao desenvolvimento. Sabemos que muitas vezes o autismo traz um isolamento, seja da criança ou até mesmo da família, por medo ou receio do que a sociedade vai falar, pensar ou julgar pela falta de conhecimento sobre a síndrome. Portanto, reafirmo a relevância deste trabalho para a sociedade, pois quanto maior o número de pessoas ouvirem sobre o autismo, entenderem suas características e formas de tratamento, maior será o número de famílias e crianças libertas de olhares que condenam.

Também julgo ser primordial que professores e professoras, bem como toda uma comunidade escolar, tenham conhecimento e entendimento sobre o impacto que o autismo tem na vida de um aprendente diagnosticado, não só na vida desta criança como também de sua família, pois crianças com TEA requerem cuidados ininterruptos, uma atenção diferenciada e constante e isso demanda um olhar atencioso e tempo do educador. Entendo que isso ainda é

um grande desafio para o sucesso da educação do aluno com autismo, porém, quanto maior for o preparo dos profissionais, maiores serão as possibilidades das intervenções alcançarem resultados positivos.

Inspirada nas obras às quais tive acesso sobre autismo, percebo minha caminhada enquanto neuropsicopedagoga como uma missão. Ao levar o conhecimento que hoje tenho sobre o autismo nas palestras e formações docentes, vejo o quanto ainda a comunidade é carente de tal informação. Somente a informação liberta do preconceito e oportuniza o desenvolvimento da criança e da família, dando o direito de ir e vir sem olhares que julgam e condenam, por recriminar algo que ainda é desconhecido.

Quando recebo na clínica uma família que acabou de receber o diagnóstico e ainda se encontra em período de luto, é meu dever acolhê-la e fazer o possível para que ela possa compreender o que é o autismo e o passo a passo do que pode acontecer daquele momento em diante com eles e seu/sua filho/a. Meu trabalho é confortar essa família da melhor forma e fazer com que meu conhecimento e profissionalismo possam contribuir para o desenvolvimento daquela criança. Isso inclui uma parceria multidisciplinar com médicos, neurologistas, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicólogos e professores, pois nosso objetivo deve ser um só, o desenvolvimento da criança.

As obras selecionadas para esta dissertação fortaleceram melhor a compreensão das fronteiras difusas sobre o autismo e, principalmente, sobre a multiplicidade de olhares que existem sobre o transtorno, nos fazendo compreender critérios comumente utilizados para diferenciar o autismo de outras síndromes, expressas nas obras como fundamentos teóricos sobre a temática.

Considero que as atribuições dos fundamentos teóricos encontrados sobre autismo podem ampliar o conhecimento e melhorar o prognóstico sobre a condição do autista, facilitando, assim, as intervenções dos profissionais da área da saúde e educação. No entanto, reafirmo a necessidade de repensarmos as teorias sobre o autismo, de uma forma tal que professores e professoras e a família se unam para poder edificar espaços de aprendizagem por meio de práticas psicopedagógicas não excludentes, que abracem e acolham todas as crianças.

Neste sentido, reflito que todos aqueles que são autistas devem ter, independentemente de apresentarem suas limitações, a oportunidade, assim como é de seu direito, de frequentar espaços de aprendizagem e de convívio social positivos, tendo seus eixos de interesse valorizados para que, então, possam ser promovidos para além do mito de incapacidade que os cerca. Compreendo, ao concluir este estudo, que existem autistas com graus mais leves, que conseguem ter uma vida mais próxima do dito normal, de acordo com a visão e modelo da

sociedade, porém, também ressalto que os autistas que apresentam uma condição de mais dependência também devem receber as intervenções e tratamentos adequados que os possibilitem ter autonomia ao longo da vida.

A seguir, são apresentadas as considerações finais e algumas reflexões, como uma contribuição para práticas psicopedagógicas inclusivas com crianças autistas.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE AÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO NÃO EXCLUDENTE COMO POSSIBILIDADE DE PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS INCLUSIVAS

Estudar e compreender o autismo têm sido, historicamente, grandes desafios para todos os profissionais envolvidos com esta questão. Contudo, é justamente esse desafio que é o autismo que aproxima profissionais de diferentes áreas para realizarem um trabalho em conjunto, que não seja apenas o somatório de suas experiências isoladas, pois, na prática, acreditamos nos avanços deste sujeito e isso nos une.

Essa falta de teorias completas sobre o tema pode ser a causa do discurso pedagógico comum que causa a angústia nos professores e professoras e surge com o desafio de incluir na classe escolar a criança com autismo. Porém, o fato é que muitos profissionais ainda não estão preparados para recebê-los. O despreparo é real e aquela criança que poderia estar sendo potencializada dentro do ambiente escolar, acaba passando grande parte do tempo apenas ocupando um espaço em sala de aula. Observo que o medo e a sensação de impotência dos/as professores/as diante da tarefa que lhes foi imposta, educar um autista, são constantes e essa tarefa, por vezes, é vista com um grande pesar pelos profissionais da educação. Como, na prática, conduzir o conhecimento, ou pelo menos tentar isso com uma criança autista? Como integrá-la à sala de aula? Esses e outros são questionamentos feitos por professores e professoras diariamente dentro do contexto escolar. Essa lacuna de proposta concreta de práticas psicopedagógicas me leva a decidir por tratar desse fundamento, o que farei neste capítulo final, com o apoio de autores recém-encontrados.

Nas formações, capacitações e palestras que ministro sobre o autismo, é nítido ver que a comunidade escolar está carente dessas informações, pois percebo, também, que há boa vontade por parte dos educadores em desenvolverem ações que farão a diferença na vida dos educandos com autismo. Desta forma, entendo as intervenções psicopedagógicas como algo complementar e importantíssimo para o contexto no qual muitos autistas vivem atualmente. A parceria entre a escola, a família, o/a psicopedagogo/a, dentre outros profissionais, é de suma importância para dar suporte a essas questões que abarcam a aprendizagem. O compromisso ético entre aqueles que se propõem à experiência da inclusão precisa congregar saberes, pois somente assim a criança poderá mostrar seu conhecimento e o professor poderá ter a oportunidade de realizar um bom trabalho de inclusão.

Todavia, é importante salientar que todo o processo de aprendizagem apresenta interpretações diferentes, pois é realizado por diferentes sujeitos, ainda que seja resposta a um

mesmo estímulo, isso porque, o comportamento humano depende de como o sujeito percebe o mundo ao seu redor. Sabemos, ao findar deste trabalho, que as descobertas dos autistas são influenciadas pelas sensações e pelo trabalho desenvolvido para fomentar seu desenvolvimento cognitivo. Portanto, estimular a percepção, as ideias e pensamentos auxilia na melhora do aproveitamento das propostas pedagógicas.

Como forma de proporcionar a inclusão dos autistas é possível criar possibilidades fomentando a capacidade sensorial das crianças, desenvolvendo sua percepção tátil, fomentando o desenvolvimento do seu campo visual, oportunizando-lhe o uso adequado dos objetos, dizendo-lhe os nomes, conduzindo-o ao bom caminho da aprendizagem. Já no que se refere à capacidade espacial, sabemos que um ambiente planejado é rico em oportunidades. Uma vez que novas habilidades são aprendidas, elas devem ser rigorosamente praticadas para auxiliar no processo de autonomia.

Vimos que a intervenção precoce é citada por diversos autores, pois sabe-se que quanto mais cedo for oportunizado o desenvolvimento à criança com autismo, maiores são suas chances de autonomia. Desse modo, como em toda a educação, em qualquer circunstância o foco deve ser o sujeito real, partindo das aptidões que ele possui. Devemos ver esse ser concreto como propulsor para as habilidades a serem desenvolvidas.

As abordagens e as contribuições psicopedagógicas devem construir pontes entre o educador e o educando, tendo em vista que a relação afetiva é uma grande aliada ao desenvolvimento da criança com autismo. Quando há uma conexão entre o adulto e a criança, fica caracterizado o início de um processo de construção da autonomia deste indivíduo, pois terá como referência de aprendizagem e desenvolvimento o adulto que com ele trabalha.

Neste sentido, acima de tudo deve prevalecer a virtude de sermos pacientes, vibrando por cada resultado alcançado, pois sabemos que, muitas vezes, os resultados desejados poderão ser alcançados ou não, em longo prazo. Por este motivo, ter um objetivo claro sobre o que queremos alcançar com a criança autista e oportunizá-la a usar recursos materiais estruturados, aulas e sessões planejadas previamente, evitando o improviso, são ações primordiais para o desenvolvimento real deste sujeito.

As abordagens psicopedagógicas podem ser aplicadas dentro do ambiente escolar e também em clínicas, com o objetivo de potencializar a criança autista. A psicopedagogia surge da necessidade de orientação e de atendimento a crianças que apresentam dificuldades no seu processo de escolarização, cabendo ao psicopedagogo oportunizar a melhoria da aprendizagem, identificando os maiores desafios a serem alcançados pelo sujeito quando se manifestam bloqueios no seu aprender. Cabe ao/à psicopedagogo/a, juntamente com o/a professor/a e a

família, localizar os comprometimentos ocorridos e fazer uma análise cuidadosa, criando, a partir disso, estratégias que oportunizem esse desbloqueio e levem à aprendizagem via práticas psicopedagógicas inclusivas.

O profissional da psicopedagogia, portanto, propõe e auxilia no desenvolvimento de projetos favoráveis a serem alcançados, visando às mudanças educacionais. Uma das formas em que o/a psicopedagogo/a pode auxiliar no processo de escolarização do autista é sensibilizando o educador sobre os instrumentos avaliativos utilizados. Os instrumentos de avaliação devem implementar as possibilidades de aprendizagem e não apenas servir como referência para as habilidades que a criança autista ainda não sabe ou não consegue executar com êxito. O processo de avaliação deve levar em consideração as limitações do sujeito e partir delas para que sejam implementados novos olhares sobre a avaliação. Desse modo, ela deve ser vista como um ponto de partida para auxiliar no processo de autonomia. O ambiente escolar, bem como as clínicas psicopedagógicas, devem ser espaços progressivos no estímulo de vivências. Quando preparado e adequado à diversidade, o processo de educação e escolarização, mesmo sendo um desafio diário, deve ter êxito e responsabilidade.

Foi possível compreender, neste estudo, que se quisermos realmente construir diferentes possibilidades de aprendizagem com as crianças autistas não nos cabe engessarmos nossos estudos em apenas uma única leitura, em um único modelo pedagógico. A formação deve ser contínua, pois necessitamos de ferramentas para transcendermos os problemas de aprendizagem, e de forma multidisciplinar formar cidadãos para a vida.

Em todo processo de intervenção faz-se necessário que o/a psicopedagogo/a e demais educadores estejam conscientes de suas contribuições e possibilidades para o desenvolvimento do educando. Mesmo que por vezes esse educando apresente inadaptabilidade inicial, não se pode desistir, ou seja, é preciso encontrar meios eficazes que tornarão as práticas coerentes com a necessidade da criança.

Durante a escrita desta dissertação reafirmei meu compromisso com a educação e, hoje, com a criança autista. Compreendo ainda mais que o autismo é apenas uma forma diferente que a criança tem de ver o mundo e esta forma merece o nosso respeito. Finalizo este trabalho com o desejo de contribuir para um mundo melhor e que estas escritas possam contribuir, também, para a desconstrução de mitos, fatos e modelos estigmatizadores sobre as pessoas com autismo, bem como permitir que professores e professoras, familiares e a sociedade continuem promovendo ambientes de aprendizagem benéficos às crianças, respeitando as formas de aprender de todos os envolvidos. Ainda, que as ações sejam desenvolvidas de forma prazerosa,

interessante e instigante, levando em conta a singularidade, as preferências, as habilidades e o respeito à vida e às diferenças de cada um. Isso deve ser feito para que logo dispensemos as fronteiras difusas sobre o autismo, derrubando as barreiras da exclusão.

REFERÊNCIAS

AMA. Associação de Amigos do Autista. **Autismo**: tratamento. Associação de Amigos dos Autistas, 2019. Disponível em: <https://www.ama.org.br/site/autismo/tratamento/>. Acessado em: 14 agosto18.

AMY, M. D. **Enfrentando o autismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA de Autismo. Disponível em <http://www.autismo.org.br/site/index.php>. Acessado em 16 agosto18.

ASSUMPÇÃO JÚNIOR, F. B. **Autismo infantil**: novas tendências e perspectivas. São Paulo: Atheneu, 2009.

AUTISMO E REALIDADE. **Entenda o Autismo**. Conheça os principais sintomas do distúrbio e os tratamentos adequados. Autismo e Realidade, 2019. Disponível em: <http://autismoerealidade.org>. Acessado em 10 setembro 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BOSA, C. As relações entre autismo, comportamento social e função executiva. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, 2001.

_____. Autismo: breve revisão de diferentes abordagens. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 13, n. 1 (2000), p. 167-177. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/107464>. Acesso em 14 agosto2018.

_____. **Autismo e educação**: reflexões e propostas de intervenção - Porto Alegre: Artmed, 2002.

CLASSIFICAÇÃO de transtornos mentais e de comportamento da CID-10. Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas,1993.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família. – 7 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed.,2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GAIATO, M.; TEIXEIRA, G. **O Reizinho Autista**. São Paulo: NVersos, 2018.

GAUDERER, E. C. **Autismo e outros atrasos no desenvolvimento:** uma atualização para os que atuam na área - do especialista aos pais. Brasília: CORD, 1992. 348p.

GOMES, C. G. **Autismo:** habilidades básicas para pessoa com autismo. Curitiba: Appris, 2016.

GROSSMANN, C. O que é uma teoria científica? **Hypescience**, 14 agosto de 2012. Disponível em: <https://hypescience.com/o-que-e-uma-teoria-cientifica/>. Acessado em 13 agosto 2019.
INSTITUTO PENSI. História do Autismo. Disponível em: <https://autismo.institutopensi.org.br/informe-se/sobre-o-autismo/historia-do-autismo/>. Acesso em 13 agosto 2018.

KLIN, A. Autismo e a síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira de Psicologia**, v. 28, 2006, p. 3-11.

LEBOYER, M. **Autismo infantil**: fatos e modelos. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995 (Coleção Educação Especial).

LIMA, J. L. **Teorias de enfermagem**. O que é teoria? Saúde e sociedade. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/6317926/teoriaspdf>. Acessado em 13 agosto 2019.

MANUAL DIAGNÓSTICO e estatístico de transtornos mentais. 4. ed. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 1995.

MASINI, E. F. S. **O psicopedagogo na escola**. São Paulo: Cortez, 2015.

MELLO, A. M. S. R. **Autismo:** guia prático. 5. ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2017. 104p.: il.

_____; ANDRADE, M. A.; CHEN HO, H.; SOUZA DIAS, I. **Retratos do autismo no Brasil**. Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. São Paulo: Associação de Amigos do Autista, 2013. Disponível em: <http://www.autismo.org.br/site/images/Downloads/RetratoDoAutismo-20131001.pdf>. Acessado em 14 agosto 2018.

MENEZES, A. R. S. **Inclusão escolar de alunos com autismo:** quem ensina e quem aprende? 2012. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

ORRÚ, S. E. **Aprendizes com autismo:** aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

_____. **Autismo, linguagem e educação:** interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: WAK, 2017.

RUBINSTEIN, E. (Org.). **Psicopedagogia:** uma prática, diferentes estilos. São Paulo: casa do Psicólogo, 1999. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=4MqVQ4f3K2IC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acessado em 14 agosto 2019.

SILVIA, A.; GAIATO, M.; REVELES, L. **Mundo singular**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012.

TEIXEIRA, G. **Manual do Autismo:** guia dos pais para tratamento completo. 3. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2017. 96p.

TRIVIÑOS. A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2012.

WHITMAN, T. L. **O desenvolvimento do autismo.** São Paulo: Books do Brasil, - 2015.